



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

RUI DANIEL FERNANDES DA SILVA

**As Implicações do Conceito de Irmão no
Ministério e Projeto de São Paulo
A Construção das Comunidades sob o Signo Fraterno**

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor José Tolentino Mendonça

Lisboa
2012

Introdução

O tema escolhido para a presente dissertação, o conceito de irmão na teologia de São Paulo e a sua influência na construção das comunidades, surgiu na detecção de uma forte presença de um vocabulário de afetividade nas Cartas Proto-paulinas (Romanos, 1^a e 2^a aos Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1^a aos Tessalonicenses e Filémon). Naquele levantamento terminológico notámos uma exaustiva repetição da palavra «irmão» e quisemos sondar as suas implicações no pensamento do Apóstolo.

O nosso trabalho contará com três capítulos. O primeiro capítulo, de carácter mais epistemológico, aborda o processo de automeação do sujeito e desenvolve-se em dois grandes segmentos. Num primeiro, falaremos sobre o relato de si em três autores: Joaquim Teixeira, François Vouga e Paul Ricoeur. Em Joaquim Teixeira veremos a questão da autoconsciência, em Vouga trataremos do assunto da invenção do eu e, finalmente, com Paul Ricoeur teremos o tema do eu construído na história. Num segundo momento estudaremos algumas formas de fraternidade no Mundo Clássico Antigo, no Mundo Judaico, incluindo, neste último, a morfologia do Antigo Testamento. Estarão lançados os pressupostos para uma melhor percepção do conceito de irmão, em São Paulo.

O segundo capítulo tratará, exclusivamente, da morfologia da fraternidade no Novo Testamento, com uma forte incidência nos Escritos Proto-paulinos. O estudo apresentado neste segmento tem como finalidade apresentar a semântica bíblica neo-testamentária do conceito de irmão. Este capítulo compreenderá dois momentos principais: a morfologia da fraternidade no Novo Testamento e a descrição desta categoria nas Cartas Proto-Paulinas, onde surgem três campos essenciais: o da representação eclesial, o da afetividade e o parenético/exortativo.

Começaremos o capítulo final com uma síntese do conceito paulino de irmão. E, nessa sequência, veremos a sua influência no ministério de Paulo, selecionando um dos seus aspectos centrais: a construção da comunidade ou da casa. Este terceiro capítulo intentará também um remate da reflexão trazida pelos dois capítulos iniciais.

A partir do conceito de irmão procuramos perscrutar a teologia de Paulo, mostrando quanto a fraternidade foi importante para a construção paulina da casa e da comunidade.

Para a elaboração deste trabalho recorremos a um método tradicional de pesquisa bíblica: a leitura textual permitiu-nos um primeiro levantamento terminológico. Depois, tentando aglomerar esse içamento, procuramos definir alguns âmbitos que consideramos importantes para a caracterização fraterna em São Paulo. A partir daqui retiramos as consequências exegéticas e teológicas para o nosso trabalho, procurando demonstrar a importância deste conceito para a comunidade.

Este tema, a princípio, parecia-nos simples e inerente àquilo que normalmente ouvimos falar, mas com um esmiuçar de alguns elementos vemos que vai mais além do que inicialmente havíamos pensado. Este percurso ensinou-nos a importância do viver fraterno como algo de tonificante na construção e manutenção de uma comunidade cristã. Oxalá possa, agora, servir ao leitor.

1-De que Falamos quando Falamos de Fraternidade

Numa das suas confissões emblemáticas, Paulo escreve: «Fiz-me tudo para todos» (1Cor 9, 22b). Com esta expressão de ordem reflexiva («fiz-me»), Paulo apresenta-se (ou melhor, representa-se) num processo de automeiação, importante para caracterizar aquilo que foi o projeto da sua missão, enquanto Apóstolo dos Gentios. De facto, o relato de si tornar-se-á um traço axial na sua biografia crente. Começamos por aí, averiguando as margens semânticas do chamado «relato de si», com a ajuda de três autores em particular: Joaquim Teixeira, François Vouga e Paul Ricoeur.

1.1-O Relato de Si

1.1.1-Colher-se a Si Mesmo

O «homem colhe-se a si mesmo mais por reflexão [...] que por intuição»¹, afirma Joaquim Teixeira, a propósito da autoconsciência como dimensão do relato de si, no seu texto intitulado *Consciência e Autoconsciência*². A questão do relato de si é, em si mesma, uma reflexão acerca de si. Este autor, em diálogo com a posição de Searle sobre o tópico da autoconsciência³, mapeia doze tópicos fundamentais que regulam o mecanismo da autoconsciência.

¹ TEIXEIRA Joaquim de Sousa, *Consciência e Autoconsciência*, p. 583.

² Cf. TEIXEIRA Joaquim de Sousa, *Consciência e Autoconsciência*, p. 569 a 596.

³ Cf. TEIXEIRA Joaquim de Sousa, *Consciência e Autoconsciência*, p. 573 a 579.

O primeiro tópico tem a ver com as *modalidades finitas*. O Homem tem a consciência de que se manifesta em modalidades finitas, a saber: nos sentidos, nas palavras, nas sensações corporais e no fluxo de consciência, como exemplifica o próprio São Paulo, referindo-se à sua situação entre os irmãos de Coríntio: «estive no meio de vós cheio de fraqueza, de receio e de grande temor» (1Cor 2, 3).

Um segundo ponto é a *unidade*, como característica da nossa experiência vital. Os dados consciencializados convergem naturalmente não para uma dispersão, mas para um horizonte único de consciência, para um motivo-chave. No caso de Paulo, ele explicava a complexidade da sua vocação e missão por uma razão única: «[...] Jesus Cristo, e este, crucificado» (1Cor 2, 2).

Um terceiro tópico tem a ver com a *intencionalidade*. Toda a nossa consciência é intencional, visa uma ação, um estado ou um objetivo. Muito do que dizemos parte de uma pretensão do nosso espírito. Assim, Paulo escreve a Filémon, enquanto prisioneiro: «sim, irmão, possa eu sentir-me satisfeito contigo no Senhor: reconforta o meu coração em Cristo» (Flm 20).

Por sua vez, a *subjetividade* é também uma marca essencial no dizer-se. Esta subjetividade é caracterizada como aquele «aspecto do “sentir-se como”»⁴, isto é, a autorrepresentação que o sujeito é capaz de fazer de si. É ou não sintomático que Paulo diga que «se sente como» uma mãe ao dizer-se em dores de parto pela comunidade (Gl 4, 19⁵)?

O quinto sublinhado é para relevar uma *conexão entre consciência e intencionalidade* pois «todo o estado inconsciente é, pelo menos potencialmente, consciente. Aliás, não temos nenhuma noção de inconsciente a não ser como algo potencialmente consciente»⁶. Tudo aquilo que inconscientemente percecionamos tem sempre uma presença no nosso consciente. Desse modo, o Apóstolo dos Gentios refere

⁴ TEIXEIRA Joaquim de Sousa, *Consciência e Autoconsciência*, p. 577.

⁵ Gl 4, 19: «Meus filhos, por quem sinto outra vez dores de parto, até que Cristo se forme entre vós!».

⁶ TEIXEIRA Joaquim de Sousa, *Consciência e Autoconsciência*, p. 577.

ao falar do seu encontro com o Ressuscitado: «[...] fui alcançado por Cristo Jesus» (Flm 3, 12).

Em sexto lugar toda a *experiência consciente reveste-se de uma estrutura figura-fundo, gestáltica*. A experiência tem sempre uma intenção de provocar um campo visual acerca do que se está a falar. A brevíssima Carta a Filémon é profusa neste aspeto, pois nos oferece uma noção visual, quase pictórica, daquilo que existencialmente Paulo experimentava.

O *aspeto de familiaridade*, o sétimo dos eixos, é como que o pano de fundo consciente de cada um de nós. Este aspeto da familiaridade é muito utilizado em São Paulo, especialmente através da palavra irmão, que surge referida uma centena de vezes nas suas Cartas Proto-paulinas. Mas dá-se a ver também no discurso da paternidade (1Cor 4, 15⁷) e da maternidade (1Ts 2, 7⁸).

Um oitavo tópico tem a ver com o *transbordamento*. O exprimir o que se percebe conscientemente, vai normalmente mais além do que aquilo que se percebe. Exemplo deste transbordamento são os Escritos de São Paulo, Missionário de Jesus Cristo, que tem um sentido que ultrapassa aquilo que está escrito, como por exemplo: «sou eu, Paulo, que o escrevo pela minha própria mão: serei eu a pagar. Isto, para não te dizer que me deves a tua própria pessoa. Sim, irmão, possa eu sentir-me satisfeito contigo no Senhor: reconforta o meu coração em Cristo. Escrevo-te porque confio na tua obediência: sei que até farás mais do que aquilo que digo» (Flm 19-21). Ora Filémon não lhe deve a sua pessoa no sentido da vida que tem, como aparenta o texto, mas sim a pessoa que ele se tornou pelo encontro com Cristo que Paulo lhe presenteou, proporcionou.

Dentro dos estados de consciência, há aquilo a que Joaquim Teixeira chama de *centro e periferia*, uma vez que temos aspetos mais centrais que outros. Por exemplo

⁷ 1Cor 4, 15: «Na verdade, ainda que tivésseis dez mil pedagogos em Cristo, não teríeis muitos pais, porque fui eu que vos gerei em Cristo Jesus, pelo Evangelho».

⁸ 1Ts 2, 7: «Quando nos poderíamos impor como apóstolos de Cristo, fomos, antes, afetuosos no meio de vós, como uma mãe que acalenta os seus filhos quando os alimenta».

um dos aspetos determinantes na Carta aos Gálatas é a questão da liberdade, como São Paulo ali afirma: «foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes, e não vos sujeiteis outra vez ao jugo da escravidão» (Gl 5, 1). Como exemplo de periferia podemos, ainda no mesmo Escrito Paulino, referir que surge ao falar-se da questão da Lei: «Oh Gálatas insensatos! Quem vos enfeitiçou, a vós, a cujos olhos foi exposto Jesus Cristo crucificado? Só isto quero saber de vós: foi pelas obras da Lei que recebestes o Espírito ou pela pregação da fé?» (Gl 3, 1-2). Esta questão da Lei é um pouco periférica na Carta pois serve como que uma *captatio benevolentiae* aos destinatários da Epístola para o assunto central da Carta, que é a liberdade em Jesus Cristo.

A consciência é limitada por vários aspetos, como o social, o cultural, o religioso, entre outros. Estes tópicos desenham o que o autor designa como as *condições limite*. O Apóstolo dos Gentios também é limitado por algumas questões, como ele próprio refere: «não quero que ignoreis, irmãos, que muitas vezes me propus ir ter convosco - do que tenho sido impedido até agora - a fim de também entre vós obter algum fruto, do mesmo modo que entre os restantes gentios» (Rm 1, 13).

Um outro tópico que Joaquim Teixeira refere, parafraseando Searle, é acerca do *humor*. O humor é o que dá uma tonalidade a um conjunto consciente. Esta questão do humor pode ser constatável, por exemplo, no emprego da morfologia da alegria.

«Finalmente, em todo o estado consciente está sempre presente o *prazer/desprazer...*»⁹. É próprio do eu a interação com a situação exterior e a descrição dos seus efeitos na esfera íntima. «Irmãos, vós próprios bem sabeis que não foi vã a nossa estadia entre vós; mas, tendo sofrido e sido insultados em Filipos, como sabeis, sentimo-nos encorajados no nosso Deus a anunciar-vos o Evangelho de Deus no meio de grande luta. É que a nossa exortação não se inspirava nem no erro, nem na má fé, nem no engano» (1Ts 2, 1-3). Estes versículos da Carta aos Tessalonicenses,

⁹ TEIXEIRA Joaquim de Sousa, *Consciência e Autoconsciência*, p. 579.

evidenciam esta questão do prazer/desprazer, pois se por um lado o Apóstolo dos Gentios sente-se numa paz de espírito entre a comunidade Tesalónica, ao dizer que a estadia entre estes não foi em vão, por outro lado também assistimos a um Paulo que está num conflito com a comunidade de Filipos.

Podemos concluir, de acordo com Joaquim Teixeira, que o relato de si comporta múltiplas atitudes e circunstâncias. A unidade, a subjetividade, a intencionalidade, a familiaridade, a centralidade, o humor e outros aspetos são características próprias de um relato de si, de uma enunciação consciente do sujeito.

A categoria de «irmão» atravessa, no universo da literatura paulina, estes doze tópicos.

1.1.2-A Invenção de Si

François Vouga explicita melhor esta questão do relato de si em três grandes tópicos ou teses, num texto intitulado *A Nova Criação e a Invenção do Eu*¹⁰.

O primeiro tópico tem a ver com a questão do Homem ser um reflexo da Trindade. São Paulo, também, se vê como reflexo da Trindade, no dizer de Vouga: «ele resulta de uma revelação de Deus e de um dom do Espírito»¹¹. Estes dois enunciados estão presentes, por exemplo, na Carta aos Gálatas, a saber: a revelação de Deus em Jesus Cristo em Gl 1, 12¹² e do dom do Espírito Santo em Gl 4, 6¹³.

A segunda tese, que decorre da primeira, é um aspeto muito próprio e característico do cristão, o nascer de novo. Paulo, que pela revelação de Jesus Cristo se descobre renascido, atribui ao próprio Cristo a gestação de uma nova vida, de uma nova

¹⁰ Cf. VOUGA François, *La Nouvelle Création et L'invention du Moi*, p. 335 a 347.

¹¹ VOUGA François, *La Nouvelle Création et L'invention du Moi*, p. 340.

¹² Gl 1, 12: «Pois eu não o recebi nem aprendi de homem algum, mas por uma revelação de Jesus Cristo».

¹³ Gl 4, 6: «E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: "Abbá! - Pai!"».

criação, como nos afirma: «pois nem a circuncisão vale alguma coisa nem a incircuncisão, mas sim uma nova criação» (Gl 6, 15) e ainda: «já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. E a vida que agora tenho na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e a si mesmo se entregou por mim» (Gl 2, 20).

A tese terceira tem a ver com «o duplo progresso da consciência de si do sujeito [...] e da compreensão de Deus [...] ser fundada no paradoxo absoluto da revelação escatológica de Deus na pessoa histórica dum transgressor da Lei e dum Crucificado»¹⁴. Sendo assim, é possível perceber porque São Paulo se refere à cruz como escândalo, como loucura, para o mundo e para a Lei¹⁵ e até para a sabedoria¹⁶.

O relato de si, no esquema de Vouga, assenta assim num triplo eixo, com as consequências que daí emergem. A primeira é que o Homem ao dizer-se, se diz verdadeiramente como um reflexo da criação de Deus Uno e Trino. Aquilo que somos, e também aquilo que dissemos que somos, estrutura a própria manifestação de Deus em nós, enquanto criado à Sua imagem. O Apóstolo Paulo tem a perfeita noção disso, ao dizer que «para nós, contudo, um só é Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem nós somos, e um só é o Senhor Jesus Cristo, por meio do qual tudo existe e mediante o qual nós existimos» (1Cor 8, 6). A realidade a apontar em seguida é aquele nascer de novo, que no caso de São Paulo foi causado pelo encontro com o Messias. Ora este encontro com Cristo faz o Apóstolo mudar radicalmente, quase como se de um parto se tratasse, pois ele próprio afirma: «se alguém está em Cristo, é uma nova criação» (2Cor 5, 17a). Finalmente, apontar a Cruz como verdade que configura a vida e o discurso sobre a vida, como é patente na anotação autobiográfica paulina que diz fazer depender toda a pregação de «[...] Jesus Cristo, e este, crucificado» (1Cor 2, 2).

¹⁴ VOUGA François, *La Nouvelle Création et L'invention du Moi*, p. 347.

¹⁵ Cf. Gl 3, 13: «Cristo resgatou-nos da maldição da Lei, ao fazer-se maldição por nós, pois está escrito: Maldito seja todo aquele que é suspenso no madeiro».

¹⁶ Cf. 1Cor 1, 18-19: «A linguagem da cruz é certamente loucura para os que se perdem mas, para os que se salvam, para nós, é força de Deus. Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos inteligentes».

No que toca à categoria de «irmão», podemos dizer que estes três aspetos enunciados por François Vouga não só estão presentes, como correspondem a uma categorização constante nas Cartas. O Homem como reflexo da revelação de Deus e de um dom do Espírito Santo, é referida, por exemplo, em 1Cor 12, 1¹⁷ e 1Ts 1, 4¹⁸. Em 1Cor 12, 1, temos a ampla explicação do Espírito como dom que informa e estrutura a comunidade dos irmãos. Já em 1Ts 1, 4 São Paulo fala da eleição, da vocação da comunidade, a comunidade dos irmãos amados de Deus.

Sobre o nascer de novo podemos dizer que representa a condição e a meta, que tanto é válida para Paulo como para as comunidades. Isso vem especificado na correspondência que ele mantém com Corinto: «se alguém está em Cristo, é uma nova criação. O que era antigo passou; eis que surgiram coisas novas» (2Cor 5, 17). De entre as coisas novas que surgiram está certamente o paradigma paulino de fraternidade.

Sobre a Cruz bastaria dizer que ela é uma das polaridades essenciais de todo o discurso paulino, tanto no relato de si, como na enunciação da identidade específica da comunidade cristã. O desafio de Paulo é fazer da radicação firme na cruz (e do que a cruz representa) o estilo, a condição, o conteúdo da Boa-Nova. Explícita ou implicitamente a «língua da cruz» atravessa a enunciação do sujeito cristão. Por isso, Paulo pode dirigir-se aos Filipenses deste modo: «meus caríssimos e saudosos irmãos, minha coroa e alegria, permaneci assim firmes no Senhor, caríssimos» (Fl 4, 1). Nesta passagem vemos que «a firmeza no Senhor» dos «caríssimos e saudosos irmãos» (repare-se na intensidade afetiva da adjetivação) é a realização plena do projeto evangelizador do Apóstolo.

¹⁷ 1Cor 12, 1: «A respeito dos dons do Espírito, irmãos, não quero que fiquéis na ignorância».

¹⁸ 1Ts 1, 4: «Conhecendo bem, irmãos amados de Deus, a vossa eleição».

1.1.3-Um Eu que se Constrói na História

Paul Ricoeur articula sabiamente o relato de si com a questão da identidade: «dizer a identidade de um indivíduo ou de uma comunidade é responder à questão: *Quem* fez tal ação? *Quem* é o seu agente, o seu autor?»¹⁹. O debate é assim em torno ao «quem» e um «quem» que se dá na própria vida, na ipseidade mesma do sujeito. São Paulo diz-nos quem é, por exemplo, nas saudações iniciais das Cartas: «Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado a ser Apóstolo, escolhido para anunciar o Evangelho de Deus» (Rm 1, 1).

Só partindo de um discurso do «quem» é que se pode falar verdadeiramente de uma vida examinada, de «uma vida depurada, explicada pelos efeitos das narrativas»²⁰. Em Paulo, esta vida examinada é aquele antes da conversão, do qual ele é purificado, no transformador encontro com Cristo: «quando aprovou a Deus - que me escolheu desde o seio de minha mãe e me chamou pela sua graça - revelar o seu Filho em mim, para que o anuncie como Evangelho entre os gentios» (Gl 1, 15-16a). A identidade de Paulo (e a dos irmãos das comunidades) a que temos acesso é uma «identidade narrativa», isto é, uma identidade construída pelo «jogo cruzado da história e da narrativa»²¹. Nós encontramos-nos a nós mesmos nas palavras que dizemos. Ao contar, contamos-nos. A natureza reflexiva do discurso faz com que ele se torne um espelho das identidades.

Ora a identidade alicerça-se em experiências históricas e são elas (ou algumas de entre elas; ou uma especialmente de entre todas elas) que conferem unidade, que desenrolam o fio do que somos. São Paulo não foge a esta regra: «considero que tudo isso foi mesmo uma perda, por causa da maravilha que é o conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor: por causa dele, tudo perdi e considero esterco, a fim de ganhar a Cristo e nele ser achado» (Fl 3, 8-9). «O Ato inaugural da história de vida responde à

¹⁹ RICOEUR Paul, *Tempo e Narrativa*, p. 424.

²⁰ RICOEUR Paul, *Tempo e Narrativa*, p. 425.

²¹ RICOEUR Paul, *Tempo e Narrativa*, p. 427.

necessidade de dar uma imagem construída e finalizada de si-mesmo num momento da vida: tal é o sentido da *conexão da vida* em W. Dilthey ou da *unidade narrativa da vida* em Paul Ricoeur»²².

Podemos concluir dizendo que, para Ricoeur, o relato de si é um meio pelo qual o «eu» se constrói como identidade e como narrativa; como história individual e como História comum. De facto, o que somos é uma trama plural. Uma história que se tece de histórias e que a história ilumina. Também Paulo não se sente sozinho no anúncio do Evangelho: «saudai cada um dos santos em Cristo Jesus. Saúdam-vos os irmãos que estão comigo» (Fl 4, 21). É a identidade narrativa do cristianismo a construir-se.

1.2-Formas de Fraternidade no Mundo Clássico Antigo

Acerca da questão da fraternidade no Mundo Clássico Antigo começaremos por referir a questão da família. Depois, num segundo momento, faremos alusão ao enquadramento da fraternidade no seio familiar, bem como aos laços expressivos que unem os irmãos. Neste ponto revisitaremos, ainda que de passagem, três autores principais: Aristóteles, Eurípedes e Sófocles.

1.2.1-A Família, «Sociedade de Semelhantes»

No mundo helenístico a família era considerada o cerne principal de todos os tipos de governo e de todos os estados, como o próprio Aristóteles refere ao dizer que

²² DELORY-MOMBERGER Christine, *Les Histoires de Vie – De L'invention de Soi au Projet de Formation*, p. 273 a 274.

todos os «estados são formados de famílias»²³ e ainda que «a família é a sociedade quotidiana»²⁴. O seio familiar constituía o ícone da cidade-estado, uma «sociedade de pessoas semelhantes para em conjunto viverem do melhor modo possível»²⁵. Ora esta *sociedade de semelhantes* representa um primeiro esboço daquilo que Aristóteles, referindo-se à amizade entre irmãos, denomina também «uma espécie de comunidade»²⁶. As diversas formas de associação, civis e religiosas, mais não fazem que reproduzir, de alguma maneira, o contexto e a dinâmica das relações fraternas. Isso fica muito claro na argumentação do filósofo: «a cidade é uma sociedade estabelecida [...] para viver bem, ou seja, para levar uma vida perfeita e que se baste. Ora isso não se pode conseguir senão pela proximidade de habitação e pelos casamentos. Foi com essa mesma finalidade que se criaram nas cidades as sociedades particulares, as corporações religiosas e profanas e todas as outras ligações, afinidades ou maneiras de viver de uns com os outros»²⁷. Fora de Aristóteles também podemos encontrar outras referências a um significado mais lato de irmão, por exemplo «em Plauto temos a descrição de concidadãos como irmãos [...] Xenófanes chama um amigo de “irmão”»²⁸. Mas o sentido de irmão, como vemos, é limitado, implica como que uma fronteira. Na corrente do Estoicismo temos um alargamento do conceito, pois «Epicteto viu todos os homens como irmãos, já que todos vieram de Deus. As ideologias de Stoa, de Séneca, Mosónio e Marco Aurélio, apontavam na mesma direção»²⁹.

²³ ARISTÓTELES, *Tratado da Política*, p. 10 e cf. DUNN James D. G., *The Theology of Paul the Apostle*, p. 591.

²⁴ ARISTÓTELES, *Tratado da Política*, p. 6.

²⁵ ARISTÓTELES, *Tratado da Política*, p. 73.

²⁶ ARISTÓTELES, *Tratado da Política*, p. 193.

²⁷ ARISTÓTELES, *Tratado da Política*, p. 43.

²⁸ RATZINGER Joseph - Papa Bento XVI, *Christian Brotherhood*, p. 4.

²⁹ RATZINGER Joseph - Papa Bento XVI, *Christian Brotherhood*, p. 14.

1.2.2-A União/Amizade Fraternal

Na obra *Ética a Nicómaco*, Aristóteles refere que «os irmãos e os companheiros têm tudo em comum»³⁰. Desta afirmação, interessa-nos relevar dois aspetos: por um lado constatar como a condissão se torna o veículo expressivo da fraternidade; e, por outro, como aparece colocada em paralelo com a amizade dos irmãos a amizade dos amigos. Aqui começamos a notar um alargamento do conceito de irmão, que da estrita vinculação dos laços de sangue passa a estender-se a um nível social e patriótico mais generalizado. Para Aristóteles a amizade fraterna instaura uma «espécie de semelhança³¹» entre irmãos e amigos, com todas as consequências (nomeadamente políticas e de corresponsabilização) que essa similitude acarreta. Não espanta, por isso, a aproximação que o autor estabelece entre amizade e justiça. A amizade (seja aquela fraterna, seja aquela dos companheiros) tem uma efetiva tradução concreta. Podemos dizer que ela configura, de uma forma que lhe é peculiar, a justiça e, do mesmo modo, determina variantes tão fundamentais como a liberdade e a igualdade. Estes tópicos terão um papel de primeiro plano no tratamento que lhes dará Paulo, como refere Salvador Garcia: Paulo «contribuiu também para aprofundar os valores de liberdade e de igualdade, latentes na antiga sociedade greco-romana, acrescentando a exigência especificamente cristã da fraternidade»³². Interessa focar a atenção no termo «latentes». De facto, São Paulo sendo original no tipo de comunidades que constrói, não deixa, porém, de ser legível do ponto de vista do paradigma helénico. Há pontes que colocam em diálogo ambas as mundivisões.

Já nas tragédias gregas nos surge amplamente tematizado o tópico «irmão». A impressionante *Antígona*, de Sófocles, conta a tragédia que duas irmãs, Antígona e

³⁰ ARISTÓTELES, *Ética a Nicómaco*, p. 131.

³¹ ARISTÓTELES, *Ética a Nicómaco*, p. 123.

³² SALVADOR GARCIA Miguel, *As Comunidades Paulinas e sua Influência na Configuração do Cristianismo Primitivo*, p. 42.

Ismena, sofrem por causa da sepultura de um dos seus irmãos. Antígona é aquela que arrisca colocar acima da vontade do soberano os valores familiares: «Pois não distinguiu Creonte, na sepultura, um dos nossos irmãos, e desonrou o outro? [...] Acaso pensas em dar-lhe sepultura, quando isso está interdito à cidade? [...] Podes apresentar essas desculpas, que eu por mim vou erguer um túmulo ao meu irmão tão querido»³³.

Que é uma questão em debate se vê por outro texto dramático, a *Medeia*, de Eurípedes, onde se conta o inverso: o drama de uma irmã, Medeia, que mata o seu irmão, para poder fugir e casar com Jasão. Esse fratricídio estará entre as causas das desventuras choradas, a propósito da protagonista: «Ó meu pai, ó minha pátria, que escandalosamente abandonei depois de ter matado o meu próprio irmão! [...] A minha ama Medeia não teria velejado pelos meandros do país de Iolco, com o coração alanceado do amor de Jasão»³⁴.

Consta que na Antiguidade clássica o termo irmão conhecia outros usos que não o exclusivo familiar do parentesco de sangue, mas a noção de família mais alargada. Por exemplo nas escavações arqueológicas de Lamos, na Cilícia, encontraram-se túmulos onde a palavra irmão é referida para significar que naquele lugar estavam apenas sepultados aqueles que faziam parte daquela fraternidade. O autor Philip Harland, comentando essas inscrições, nota que «o grupo decidiu enfatizar a necessidade de limitar a sua porção aos membros do mesmo grupo, e constantemente refere esses membros seguidores como “irmãos”»³⁵. Segundo este estudo de Philip Harland, entre os sacerdotes existiam também estes vínculos fraternos, pois em alguns monumentos os ministros do culto eram considerados como «irmãos sacerdotes»³⁶, por exemplo nas comunidades religiosas de Mitra a cabeça hierárquica era designada de *pater* (pai),

³³ SÓFOCLES, *Antígona*, , p. 48 a 50.

³⁴ EURÍPEDES, *Medeia*, p. 20 e 13 a 14.

³⁵ HARLAND Philip A., *Familial Dimensions of Group Identity: «Brothers» (Ἀδελφοί) in Associations of the Greek East*, p. 498.

³⁶ Cf. HARLAND Philip A., *Familial Dimensions of Group Identity: «Brothers» (Ἀδελφοί) in Associations of the Greek East*, p. 498.

logo aqueles que seguiam estes ritos eram designados por irmãos³⁷. Nas organizações militares e civis comparecia igualmente o termo irmão para designar os líderes, embora com menor frequência. Em síntese, Harland refere que na Antiguidade o termo irmão era usado, não só no quadro familiar, mas alargava-se também a «associações e organizações de vários tipos»³⁸: étnicas, de culto, cívicas e outras.

1.3-Formas de Fraternidade no Judaísmo

Nesta secção abordaremos a fraternidade no Judaísmo, organizando a descrição em duas partes. Em primeiro lugar falaremos da família, em sentido geral, aludindo às tipologias familiares: o patriarcado, o matriarcado e o fratriarcado. Centrar-nos-emos em dois tópicos que decorrem, sobretudo, desta última tipologia, a saber: a lei do Levirato e a primogenitura com o seu direito de herança. Por fim faremos uma alusão às variantes semânticas do uso da categoria de «irmão» no Antigo Testamento. Neste ponto veremos questões como o vínculo de sangue e o sentido espiritual. Para rematarmos esta referência do uso da linguagem fraterna nos escritos vetero-testamentários olharemos para a pluralidade semântica que os próprios textos nos apresentam.

³⁷ Cf. RATZINGER Joseph - Papa Bento XVI, *Christian Brotherhood*, p. 12.

³⁸ HARLAND Philip A., *Familial Dimensions of Group Identity: «Brothers» (Ἀδελφοί) in Associations of the Greek East*, p. 512.

1.3.1-A Família Judaica

Partamos da definição que De Vaux avança: «A família compõe-se daqueles elementos unidos entre si pela comunidade de sangue e pela comunidade de habitação. A família é uma casa, e “fundar uma família” diz-se “construir uma casa” (Ne 7, 4)³⁹»⁴⁰. A família entende-se a partir da semântica plural da «casa». Ela é uma realidade sociológica exata no espaço, mas também disseminada no tempo, enquanto significa também uma linhagem, uma posteridade, uma espécie de raiz e destino comuns que se prolongam.

No Mundo Judaico a noção de família não coincide com o desenho de uma família-nuclear. Na construção da casa entra um intrincado e abrangente complexo de relações, como se refere no Livro de Neemias (cf. Ne 7, 4). Numa extensão mais ampla podemos inclusive dizer que a «família se confunde com o clã»⁴¹. Este sentido pode ser constatado no passo de Samuel: «Deixa-me ir, porque temos na cidade um sacrifício de família, para o qual meu irmão me convidou» (1Sam 20, 29a). Aqui refere-se uma consciencialização dos laços que unem um clã, expressa nomeadamente através do termo «irmão».

1.3.2-As Tipologias Familiares

Passemos agora a abordar a tripla forma familiar: patriarcado, matriarcado e fratriarcado, onde emergem uma pluralidade de situações e usos para a categoria «irmão». O patriarcado é a anotação mais comum das famílias no Judaísmo. Nesta

³⁹ Ne 7, 4: «A cidade era grande e espaçosa, mas estava pouco povoada, e as moradias não estavam todas reconstruídas».

⁴⁰ VAUX R. de, *Instituciones del Antiguo Testamento*, p. 51.

⁴¹ VAUX R. de, *Instituciones del Antiguo Testamento*, p. 51.

tipologia a figura masculina é que detém o poder sobre a casa. Se olharmos com atenção para as genealogias de Jesus Cristo, na abertura dos Evangelhos da Infância⁴², vemos que a sua ascendência recorre, salvo algumas exceções, à linha paterna. Muito resumidamente: o «pai tem sobre os filhos [...] e sobre a mulher uma autoridade total, mesmo sobre o direito de vida ou morte»⁴³. Vemos que o poder paterno tinha uma regulação holística, cabendo-lhe a administração e a decisão de todos os direitos, mesmo do direito à própria vida, como ocorre na passagem de Gn 38, 24⁴⁴, onde Judá condena Tamar, sua nora, à morte por causa da sua imoralidade.

O matriarcado é uma tipologia de família em que o que está em questão não é o poder, mas sim a linha de descendência. No seio familiar de cariz matriarcal a mulher não tem poder em casa, mas sim o marido. Contudo, entra em jogo a questão da descendência, pois os filhos que nasciam eram da família e da tribo da mãe e não do pai. No Livro do Deuterónimo uma das leis refere que seja «maldito o que tiver relações com sua irmã, filha de seu pai ou de sua mãe» (Dt 27, 22a). Era sabido que os filhos do mesmo pai não poderiam casar, mas a referência aos filhos da mesma mãe vem evidenciar algo de novo, que possivelmente era uma primitiva forma familiar, o matriarcado. Este modo familiar temo-lo, por exemplo, em Gn 20, 12: «De resto, é verdade que ela é minha irmã, filha do meu pai, mas não de minha mãe; e tornou-se minha mulher». Podemos, ainda, dizer que «numa forma de sociedade patriarcal onde a poligamia é praticada, o matriarcado é suscetível de aparecer, porque os filhos serão normalmente agrupados de acordo com as mães»⁴⁵.

O fratriarcado, como o próprio nome indica, tem a ver com o exercício de um poder fraterno, o poder do irmão. Esta nomenclatura familiar, muito rapidamente, é o poder que o irmão mais velho tem entre e sobre os vários irmãos. Referindo um estudo

⁴² Cf. Mt 1, 1-17 e Lc 3, 23-38.

⁴³ VAUX R. de, *Instituciones del Antiguo Testamento*, p. 50.

⁴⁴ Gn 38, 24: «Cerca de três meses depois, disseram a Judá: “Tamar, a tua nora, prevaricou e até ficou grávida com a sua prostituição”. Judá respondeu: “Levai-a, e que seja queimada”».

⁴⁵ GORDON Cyrus H., *Fratriarchy in the Old Testament*, p. 224.

de Cyrus Gordon, a fraternidade pode ser definida com a expressão *primus inter pares*, o primeiro entre os pares⁴⁶. Na opinião de Gordon, esta tipologia de poder familiar levamos a realçar dois aspetos: a lei do Levirato e a primogenitura. Estes dois tópicos são lidos, também, nas entrelinhas das outras tipologias anteriores.

1.3.3-A Lei do Levirato e a Primogenitura

A lei do Levirato aparece-nos instituída em Dt 25, 5-10⁴⁷. Resumidamente, esta norma refere que quando morre um marido e este tem irmãos, estes devem desposar a viúva e dar descendência ao irmão. Toda a discussão do Levirato tem a ver com a construção de uma casa, de uma grande família, a de Israel. Podemos dizer que esta lei decorre do paradigma do fratriarcado e do matriarcado, pois o irmão tem direitos de autoridade sobre os filhos do falecido irmão⁴⁸, mas os filhos são da mesma mãe, à qual é dada a descendência.

A primogenitura, e conseqüentemente o direito à herança, é um aspeto inerente à questão da fraternidade. Ser primogénito é ser o primeiro filho da união de um casal. Os restantes irmãos são muitas vezes referidos em relação ao irmão primogénito, ao que nasceu primeiro⁴⁹: «Filhos de Uziel: o chefe Mica e Jisias o segundo» (1Cr 23, 20). Surge aqui um caso interessante que é a situação dos irmãos gémeos. Qual deles era considerado primogénito? Como é óbvio o primogénito era o que em primeiro lugar

⁴⁶ Cf. GORDON Cyrus H., *Fratriarchy in the Old Testament*, p. 228.

⁴⁷ Dt 25, 5-10: «Quando dois irmãos residirem juntos e um deles morrer sem deixar filhos, a viúva não irá casar com um estranho; o seu cunhado é que se unirá a ela e a tomará como mulher, segundo o costume do levirato. Ao filho primogénito que ela tiver pôr-se-á o nome do irmão morto e não se extinguirá o seu nome em Israel. Mas, se o homem se recusar a casar com sua cunhada, esta irá ter com os anciãos ao tribunal e dirá: “O meu cunhado recusa-se a perpetuar o nome do seu irmão em Israel e não quer observar o levirato para comigo.” Então os anciãos da sua cidade o chamarão e interrogarão. Se ele disser: “Não me agrada recebê-la por mulher”, a cunhada aproximar-se-á dele, na presença dos anciãos, tirar-lhe-á a sandália do pé e cuspir-lhe-á no rosto, dizendo: “É assim que se deve fazer ao homem que não quer edificar a casa do seu irmão!” E chamar-se-á a esse homem em Israel “casa do descalçado”».

⁴⁸ Cf. VAUX R. de, *Instituciones del Antiguo Testamento*, p. 73 e GORDON Cyrus H., *Fratriarchy in the Old Testament*, p. 227 e 231.

⁴⁹ Cf. GORDON Cyrus H., *Fratriarchy in the Old Testament*, p. 226.

viesses à luz, como refere o Livro das Origens: «quando chegou a ocasião de dar à luz, Tamar trazia dois gémeos no seio. Durante o parto, um deles estendeu a mão e a parteira pegou nela, atando-lhe um fio escarlate, para indicar que era o primogénito. Mas ele retirou a mão e nasceu seu irmão. Então a parteira disse: “Que passagem abriste para ti!” E chamaram-lhe Peres. Em seguida, nasceu o irmão; numa das mãos trazia o fio escarlate, e chamaram-lhe Zera» (Gn 38, 27-30).

Na cultura judaica o primogénito é quem tem o direito à herança paterna, como vem determinado em Dt 21, 17: «Reconhecerá como primogénito [...] dando-lhe porção dupla de todos os seus bens; porque este filho representa as primícias do seu vigor, a ele pertence o direito de primogenitura». O direito de primogenitura, e conseqüentemente o de herança, pode ser perdido por duas razões. Primeiramente podia-se perder este direito por alguma razão muito grave como no caso de Ruben depois de atentar contra o leito paterno⁵⁰. Em segundo lugar por venda deste mesmo direito como no caso Esaú. Este vendeu o seu direito de primogenitura a Jacob por um prato de lentilhas⁵¹. Contudo havia uma lei que «protegia o primogénito de uma eleição arbitrária por parte do pai»⁵², que vem expressa em Dt 21, 15-17⁵³.

1.3.4-Variações Semânticas da Palavra «Irmão»

No Antigo Testamento a palavra irmão apresenta algumas variações semânticas importantes. O termo hebraico corrente para designar irmão é *'āh* (אָה), e ele comparece

⁵⁰ Cf. Gn 49, 3-4.

⁵¹ Cf. Gn 25, 29-34.

⁵² VAUX R. de, *Instituciones del Antiguo Testamento*, p. 78.

⁵³ Dt 21, 15-17: «Quando um homem tiver duas mulheres, uma que ele ama, outra que despreza, e lhe tiverem dado filhos, tanto a que é amada como a que é desprezada, se o filho desta for o primogénito, este homem, no dia em que repartir entre os filhos os bens que tiver, não poderá dar a primogenitura ao filho da que é amada, em prejuízo do primogénito da mulher desprezada. Reconhecerá como primogénito o filho da mulher desprezada, dando-lhe porção dupla de todos os seus bens; porque este filho representa as primícias do seu vigor, a ele pertence o direito de primogenitura».

cerca de seiscentas e vinte e nove vezes no Antigo Testamento, entre as quais cento e catorze no feminino⁵⁴. Para os Judeus a fraternidade depende «da comum eleição por parte de Deus»⁵⁵.

1.3.4.1-Vínculo de Sangue

A palavra assinala, em primeiro lugar, um sentido semelhante ao que é predominante nos dias de hoje: por irmão entende-se a fraternidade consanguínea, ou seja, a dos filhos do mesmo pai e/ou da mesma mãe. Mesmo se no Antigo Testamento esta palavra apareça não apenas a referir os filhos de um casal⁵⁶, mas surja também em referência a outros graus de parentesco, como a irmã ou o irmão de teu pai (cf. Lv 18, 12. 14), o «irmão de tua mãe» (Gn 28, 2), a «esposa de teu irmão» (Lv18, 16) e o «filho do seu irmão» (Gn 12, 5).

Uma segunda área de sentido da palavra irmão surge em torno daquilo que se entende por «parente por sangue»⁵⁷, como nos descreve o exemplo bíblico: «ao saber que o seu parente ficara prisioneiro, Abrão armou trezentos e dezoito dos seus servos mais valentes e perseguiu os inimigos até Dan. Retomou todos os bens saqueados, libertou também Lot, seu sobrinho» (Gn 14, 14.16a). Também se fala de irmão quando se refere o grau de parentesco de tio: «Depois disso, Labão disse a Jacob: “Acaso estás a servir-me sem qualquer recompensa, apenas por seres meu parente?”»⁵⁸» (Gn 29, 15a), e também na referência ao grau de primo: «Moisés chamou Michael e Elsafan, filhos de Uziel, e disse-lhes: “Vinde, levai os vossos irmãos da frente do santuário”» (Lv 10, 4b) ou «Filhos de Merari: Maali e Muchi. Filhos de Maali: Eleázar e Quis» (1Cr 23, 21).

⁵⁴ Cf. ERNST Jenni (ed.), *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*, p. 167.

⁵⁵ RATZINGER Joseph - Papa Bento XVI, *Christian Brotherhood*, p. 6.

⁵⁶ Cf. ERNST Jenni (ed.), *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*, p. 168.

⁵⁷ DHEILLY J., *Dictionnaire Biblique*, Desclée, p. 434.

⁵⁸ Gn 29, 13: «Labão ouviu falar de Jacob, filho da sua irmã».

Pelo que se pode constatar na tradição bíblica, este sentido de consanguinidade mais alargada estava muito presente na cultura judaica, construindo um espaço de proteção fundamental.

1.3.4.2-Sentido Espiritual

Por sentido espiritual entendemos aqui as relações fraternais que extravasam os laços de sangue. Esta nomenclatura espiritual é, por exemplo, clara no passo do Profeta Zacarias: «Depois, parti o segundo cajado, “União”, para indicar que quebrava a fraternidade entre Judá e Israel» (Zc 11, 14). Neste versículo de Zacarias podemos ver que existia um sentimento de união, uma forte solidariedade expressa pela categoria de fraternidade⁵⁹. Gruen refere que «entre os israelitas, o conceito de família era mais amplo [...] daí que os irmãos são também os parentes próximos: primo, sobrinho, tio, cunhado»⁶⁰. Este autor também refere que a palavra «irmão» tinha muitas vezes um alcance mais dilatado e que chegava a ser sinónimo de clã, como nos relata o Primeiro Livro de Samuel: «Disse-me: “Deixa-me ir, porque temos na cidade um sacrifício de família, para o qual meu irmão me convidou. Se mereci a tua estima, permite-me que vá visitar os meus irmãos”» (1Sm 20, 29ab). De acordo com Jenni Ernst este sentido que Gruen refere surge em cerca de quarenta de cinco por cento da vezes do termo «irmão», no Antigo Testamento⁶¹.

Neste sentido espiritual falamos dos traços de fraternidade de um povo, o Povo de Israel. Estes laços familiares inicialmente significavam o união de uma tribo, mas alargaram-se no horizonte do nacionalismo para o sentido de compatriota, «isto significa, em termos práticos, que uma fraternidade direta aplica-se somente àqueles que

⁵⁹ Cf. WECK G. Johannes Botter e RINGGREN Helmer (ed.), *Theological Dictionary of the Old Testament*, p. 192.

⁶⁰ GRUEN W., *Pequeno Vocabulário da Bíblia*, p. 65 e 66.

⁶¹ Cf. ERNST Jenni (ed.), *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento* p. 169.

compartilham a mesma nação e fé»⁶². A palavra, porém, não tem apenas uma aplicação automática: «o que é preguiçoso no seu trabalho é irmão do dissipador» (Pr 18, 9) ou ainda «tornei-me irmão dos chacais e companheiro das avestruzes» (Jb 30, 29), mesmo se predomina a ideia de «compatriotas da nação»⁶³: «deves estabelecer acima de vós o rei que o Senhor, teu Deus, tiver escolhido dentre os teus irmãos. Não poderás escolher para rei um estrangeiro, que não seja vosso irmão» (Dt 17, 25), ou ainda «de Cadés, Moisés enviou mensageiros ao rei de Edom: “Assim fala o teu irmão, Israel: Tu sabes todas as dificuldades que temos encontrado”» (Nm 20, 14).

1.3.4.3-A Pluralidade Semântica

São quatro os principais usos morfológicos da fraternidade no Antigo Testamento e que nos dão uma ideia muito global de toda a questão da fraternidade nos relatos Vetero-testamentários. Os quatro usos são: o uso teológico, o uso metafórico, o uso legal e o uso nos nomes próprios. Para a sua análise, seguiremos de perto os estudos de Jenni Ernst, Johannes Weck e Helmer Ringgren⁶⁴.

Vejamos o uso teológico deste termo e como ele vem evidenciar que a «forte solidariedade dos israelitas inclui as relações entre irmãos e irmãs»⁶⁵. Este uso torna-se visível em vários momentos. Um deles é quando se levanta a questão do sentido da responsabilidade pelos outros, relatado desde as origens: «o Senhor disse a Caim: “Onde está o teu irmão Abel?” Caim respondeu: “Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?”» (Gn 4, 9). Este sentido da responsabilidade era também patente no Mundo da Antiguidade Clássica, como anteriormente refletimos. O significado

⁶² RATZINGER Joseph - Papa Bento XVI, *Christian Brotherhood*, p. 10.

⁶³ WECK G. Johannes Botter e RINGGREN Helmer (ed.), *Theological Dictionary of the Old Testament*, p. 190.

⁶⁴ Cf. ERNST Jenni (ed.), *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*, p. 167 a 175 e WECK G. Johannes Botter e RINGGREN Helmer (ed.), *Theological Dictionary of the Old Testament*, p. 188 a 193.

⁶⁵ WECK G. Johannes Botter e RINGGREN Helmer (ed.), *Theological Dictionary of the Old Testament*, p. 192.

teológico também se reflete nas relações de amizade, pois «aquele que é amigo, é-o em todo o tempo; e torna-se um irmão no tempo da desgraça» (Pr 17, 17), e como «há amigos que levam à ruína, também os há mais dedicados que um irmão» (Pr 18, 24). Este uso nas relações de amizade vem dizer que o verdadeiro irmão tem uma abertura incondicional, e não abandona o irmão no tempo da desventura. Por fim, uma outra ideia que surge, e que tem a ver com o sentido espiritual do termo, é a «ideia de irmandade dos israelitas sob um pai»⁶⁶ que se subentende em MI 2, 10: «porventura, não temos nós todos um único pai? Não foi o mesmo Deus que nos criou? Por que razão, pois, somos nós pérfidos uns para com os outros, profanando a aliança de nossos pais?».

Sobre o uso metafórico podemos registrar três sentidos. Em primeiro lugar como forma de tratamento de alguém ou a alguém; em segundo nas fórmulas dos cânticos fúnebres; e por fim como sentido de pertença a um grupo. Com o formato de tratamento podemos referir duas passagens que denunciam este aspeto: a referência de Israel como irmão perante o rei de Edom⁶⁷ e a do Primeiro Livro de Samuel que é uma forma de tratamento entre o povo israelita: «David, ouvindo dizer, no deserto, que Nabal tosquiava o seu rebanho, enviou-lhe dez homens com esta ordem: “Subi a Carmel e dirigi-vos a Nabal; saudai-o em meu nome e dizei-lhe: Meu irmão, a paz esteja contigo! Paz à tua casa e paz a todos os teus bens!”» (1Sm 25, 4-6).

Em terceiro lugar falamos de um uso legal, isto é, do recurso à categoria de fraternidade nas normas e leis de Israel. Este uso tem muito a ver com o direito familiar, nas palavras de Ernst⁶⁸, e expressa-se muito frequentemente através de dois institutos que analisamos há pouco: a Lei do Levirato e a da primogenitura com o seu direito à herança.

⁶⁶ ERNST Jenni (ed.), *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*, p. 174.

⁶⁷ Cf. Nm 20, 14: «De Cadés, Moisés enviou mensageiros ao rei de Edom: “Assim fala o teu irmão, Israel: Tu sabes todas as dificuldades que temos encontrado”».

⁶⁸ Cf. ERNST Jenni (ed.), *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*, p. 172.

Sobre o uso nos nomes próprios podemos dizer que «'ach [irmão] aparece como componente em certos nomes próprios. Em nomes teofóricos como 'achiyyal, “Ahijal” e yo'ach, “Joah”, “Yahweh é (meu) irmão”, ou 'achi 'el, “Ahiel”, “meu irmão é El”, a divindade é caracterizada como parente no modo tradicional do antigo contexto semítico»⁶⁹. Este uso não é muito usual, ocorrendo raras vezes no Antigo Testamento.

⁶⁹ WECK G. Johannes Botter e RINGGREN Helmer (ed.), *Theological Dictionary of the Old Testament*, p. 193.

2-A Morfologia da Fraternidade no Novo Testamento

Neste segundo momento analisaremos a questão da morfologia da fraternidade no Novo Testamento e analisaremos, mais em pormenor, as Cartas Proto-paulinas. A questão da morfologia no Antigo e Novo Testamento dá-nos o pano de fundo para percebermos melhor aquilo que São Paulo refere ao escrever a palavra «irmão».

A palavra irmão aparece cerca de trezentas e quarenta e sete vezes no conjunto do Novo Testamento, das quais noventa e sete vezes nos Evangelhos, cinquenta e sete vezes nos Atos dos Apóstolos, cento e treze vezes nas Cartas Proto-paulinas e setenta e seis vezes nos restantes Escritos Neo-testamentários⁷⁰.

No Novo Testamento o termo irmão conhece uma dupla semântica. Temos, por um lado, uma significação centrada no vínculo de sangue, o sentido comum da palavra irmão, e temos uma semântica de ordem espiritual, que descreve um sentido de pertença a um grupo, um pouco à semelhança daquilo que falávamos a propósito do Antigo Testamento, quando referíamos a palavra irmão como sinónimo de clã. Neste ponto temos também de fazer referência à centralidade cristológica que a fraternidade adquire no Novo Testamento.

2.1-Vínculo de Sangue

Uma das primeiras referências tem a ver com Herodes e o seu irmão Filipe: «Herodíade, mulher de Filipe, seu irmão, que ele desposara. Porque João dizia a

⁷⁰ Cf. BALZ Horst e SCHNEIDER Gerhard, *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento*, p. 84.

Herodes: “Não te é lícito ter contigo a mulher do teu irmão”» (Mc 6, 17-18). Uma outra alusão que se pode encontrar é quanto aos discípulos de Jesus. Nos discípulos de Jesus temos dois pares de irmãos de sangue, a saber: André e Simão⁷¹ e Tiago e João, filhos de Zebedeu⁷². Fora do grupo dos discípulos também há a referência a irmãos, como por exemplo Maria, Marta e Lazáro: «uma mulher, de nome Marta, recebeu-o em sua casa. Tinha ela uma irmã, chamada Maria» (Lc 10, 38-39); «estava doente um homem chamado Lázaro, de Betânia, terra de Maria e de Marta, sua irmã. Maria, cujo irmão, Lázaro, tinha caído doente» (Jo 11, 1-2).

Para lá dos Evangelhos vemos também uma menção a este tipo de irmãos, por exemplo, na Carta aos Romanos: «Nereu e sua irmã» (Rm 16, 15), ou ainda, numa referência ao Antigo Testamento: «à segunda vez, José deu-se a conhecer a seus irmãos e sua origem foi revelada ao Faraó» (Act 7, 13). Temos o próprio exemplo de Paulo no Livro dos Atos dos Apóstolos onde surge uma referência à irmã de sangue de Paulo em Act 23, 16: «mas o filho da irmã de Paulo teve conhecimento da cilada. Correu à fortaleza, entrou e preveniu Paulo».

2.2-Vínculo Espiritual

Num sentido muito geral podemos defender que «no Novo Testamento os “irmãos” designam os cristãos»⁷³, «designam os membros de uma comunidade religiosa»⁷⁴. Jesus chama de irmãos todos os que fazem a vontade de seu Pai: «aquele que fizer a vontade de Deus, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe» (Mc 3,

⁷¹ Cf. Jo 1, 40a: «André, o irmão de Simão Pedro».

⁷² Cf. Mc 1, 19a: «Um pouco adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão».

⁷³ DHEILLY J., *Dictionnaire Biblique*, Desclée, p. 434.

⁷⁴ KITTEL Gerhard e FRIEDRICH Gerhard, *Grande Lessico del Nouvo Testamento*, p. 391.

35). O Evangelho de Mateus é especialmente rico no tratamento da categoria que estamos a estudar. O Primeiro Evangelho trata longamente das relações entre os irmãos. As relações fraternais devem ser baseadas na verdade e na responsabilidade de uns para com os outros. «Eu, porém, digo-vos: Quem se irritar contra o seu irmão será réu perante o tribunal; quem lhe chamar “imbecil” será réu diante do Conselho; e quem lhe chamar “louco” será réu da Geena do fogo. Se fores, portanto, apresentar uma oferta sobre o altar e ali te recordares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar, e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; depois, volta para apresentar a tua oferta» (Mt 5, 22-24). Um outro aspeto tem a ver com o que respeita aos irmãos mais pequeninos, pois o que fizermos a estes estamos a fazer ao próprio Cristo: «em verdade vos digo: sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes» (Mt 25, 40).

Fora dos Evangelhos, a expressão surge para designar os irmãos da comunidade instituída por Jesus, nomeadamente aqueles que são salvos por Ele: «de facto, tanto o que santifica, como os que são santificados, provêm todos de um só; razão pela qual não se envergonha de lhes chamar irmãos» (Heb 2, 11). Toda esta questão parte do texto de Marcos onde o irmão é identificado com o próximo: «Nisto chegam sua mãe e seus irmãos que, ficando do lado de fora, o mandam chamar. A multidão estava sentada em volta dele, quando lhe disseram: “Estão lá fora a tua mãe e os teus irmãos que te procuram.” Ele respondeu: “Quem são minha mãe e meus irmãos?” E, percorrendo com o olhar os que estavam sentados à volta dele, disse: “Aí estão minha mãe e meus irmãos. Aquele que fizer a vontade de Deus, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe”» (Mc 3, 31-35). Similarmente em São Paulo há esta identificação do irmão com o próximo: «que ninguém, nesta matéria, defraude e se aproveite do seu irmão, porque o Senhor vingará tudo isto, como já vos dissemos e testemunhámos» (1Ts 4, 6).

São Paulo também utiliza a palavra irmão neste sentido de uma herança espiritual. Um exemplo que podemos dar das Cartas Paulinas é o das saudações, quer

iniciais quer finais, que ele utiliza nas suas cartas⁷⁵. O sentido principal em São Paulo é a identificação do irmão com todos aqueles que são cristãos, irmãos em Jesus Cristo, caminhando assim para uma fraternidade universal, como ele refere na Carta aos Romanos: «porque àqueles que Ele de antemão conheceu, também os predestinou para serem uma imagem idêntica à do seu Filho, de tal modo que Ele é o primogénito de muitos irmãos» (Rm 8, 29). Como sublinha Léon-Dufour, «em Cristo, novo Adão, torna-se realidade o sonho profético de fraternidade universal»⁷⁶.

No resto do Novo Testamento são várias as vezes que aparece a palavra irmão para designar a comunidade dos cristãos que se reúnem no nome de Cristo Jesus, como por exemplo em Act 2, 29; Heb 3, 3; Tg 2, 1; 1Pe 2, 17; 1Jo 3, 10; Jd 1, 1; Ap 12, 10⁷⁷, entre outros exemplos.

2.3-Centralidade Cristológica

Para falarmos da centralidade cristológica partiremos da expressão paulina que expõe que Jesus Cristo é o primogénito dos irmãos⁷⁸, «pois um só é o vosso Mestre, e vós sois todos irmãos» (Mt 23, 8b). «Estas palavras de Cristo definem a relação entre os Cristãos como uma relação de irmãos»⁷⁹. O que faz Cristo ser o primogénito de todos os irmãos e de toda a criatura é a sua cruz, o morrer por nós. A centralidade cristológica

⁷⁵ A título de exemplo veja-se: Gl 1, 2: «e todos os irmãos que estão comigo, às igrejas da Galácia» e 1Cor 16, 20: «saúdam-vos todos os irmãos. Saudai-vos uns aos outros com um ósculo santo».

⁷⁶ LÉON-DUFOUR Xavier (ed.), *Vocabulário de Teologia Bíblica*, p. 457.

⁷⁷ Act 2, 19a: «Irmãos, seja-me permitido falar-vos sem rodeios». Heb 3, 3a: «Tende cuidado, irmãos, que não haja em nenhum de vós um coração mau». Tg 2, 1: «Meus irmãos, não tenteis conciliar a fé em Nosso Senhor Jesus Cristo glorioso com a aceção de pessoas». 1Pe 2, 17: «Respeitai a todos, amai os irmãos, temei a Deus, honrai o rei». 1Jo 3, 10b: «Todo aquele que não pratica a justiça não é de Deus, nem aquele que não ama o seu irmão». Jd 1, 1a: «Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago». Ap 12, 10c: «Porque foi precipitado o Acusador dos nossos irmãos».

⁷⁸ Cf. Rm 8, 29: «Porque àqueles que Ele de antemão conheceu, também os predestinou para serem uma imagem idêntica à do seu Filho, de tal modo que Ele é o primogénito de muitos irmãos».

⁷⁹ RATZINGER Joseph - Papa Bento XVI, *Christian Brotherhood*, p. 3.

leva-nos a falar do aspeto de união total, pois como afirma o Apóstolo dos Gentios: «em Cristo Jesus, vós, que outrora estáveis longe, agora, estais perto, pelo sangue de Cristo. Com efeito, Ele é a nossa paz, Ele que, dos dois povos, fez um só e destruiu o muro de separação, a inimizade: na sua carne, anulou a lei, que contém os mandamentos em forma de prescrições, para, a partir do judeu e do pagão, criar em si próprio um só homem novo, fazendo a paz» (Ef 2, 13-15). A centralidade fraterna em Jesus Cristo tem muito a ver com a união das nações, pois «juntas elas têm acesso ao reino, e o irmão mais velho – o povo judeu – já não deve ter ciúmes do príncipe que por fim está de volta à casa paterna (Lc 15, 25-32)»⁸⁰, refere Léon-Dufour enfatizando a parábola do Filho Pródigo.

A centralidade cristológica opera um novo nascer, um nascer para um caminho de fraternidade. Com Cristo este aspeto afigura-se como um nascer do sangue de Jesus na Cruz para uma fraternidade universal. O nascer de novo em Paulo é a descoberta de uma nova criatura, atribuída a Jesus Cristo, como que se tratasse da gestação de uma nova vida, de uma nova criação, como ele nos afirma: «pois nem a circuncisão vale alguma coisa nem a incircuncisão, mas sim uma nova criação» (Gl 6, 15). Aqui opera-se a emergência de novos valores fundamentais, uma reconfiguração radical que em Paulo se expressa conseqüentemente no exercício da fraternidade cristã (por alguma razão, o vocábulo irmão comparece mais de uma centena de vezes nos seus escritos).

Antes de avançarmos termos ainda de fazer um breve apontamento sobre a Cruz de Cristo na sua Centralidade em São Paulo, uma vez que é a partir dela que se constrói toda a teologia de São Paulo. «O único Cristo com que Paulo se importou e que conheceu foi o “Cristo Crucificado” (1Cor 1, 23; 2, 2⁸¹)»⁸². Ora para Paulo o importante era a Cruz como acontecimento central de todo o seu *kerigma*, pois na cruz a morte e o

⁸⁰ LÉON-DUFOUR Xavier (ed.), *Vocabulário de Teologia Bíblica*, p. 457.

⁸¹ 1Cor 1, 23a: «nós pregamos um Messias crucificado»; 1Cor 2, 2: «julguei não dever saber outra coisa entre vós a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado».

⁸² DUNN James D. G., *The Theology of Paul the Apostle*, p. 210.

pecado foram destruídos e surge uma nova vida⁸³. Concluindo podemos dizer como James Dunn diz: a Cruz e a ressurreição de Cristo «são os momentos cristológicos por excelência de Paulo»⁸⁴.

2.4-Cartas Proto-Paulinas

As chamadas Cartas Proto-paulinas integram sete dos escritos atribuídos a São Paulo: Romanos, 1ª e 2ª aos Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1ª aos Tessalonicenses e Filémon. Sobre estas sete cartas podemos dizer que são de uma riqueza no que concerne à palavra irmão, uma vez que o termo aparece à volta de cento e trinta vezes em todo o *corpus* Paulino⁸⁵ e, nestas sete cartas, um pouco mais de cem vezes. Sobre o sentido do irmão nestas Cartas, primeiramente apresentaremos um sentido geral das perspectivas que São Paulo fala quando menciona o irmão e depois abordaremos três perspectivas principais em que São Paulo utiliza a palavra «irmão» (ἀδελφοὶ), ou derivados desta palavra grega.

2.4.1-Sentido Geral

Sobre o sentido geral podemos começar por dizer que «nas suas cartas, São Paulo utiliza esta apelação constantemente, seja em geral [...], seja em particular»⁸⁶. Em «geral» acontece quando ele fala de uma comunidade no seu conjunto, como é o

⁸³ Cf. DUNN James D. G., *The Theology of Paul the Apostle*, p. 221.

⁸⁴ DUNN James D. G., *The Theology of Paul the Apostle*, p. 727.

⁸⁵ Cf. KITTEL Gerhard e FRIEDRICH Gerhard, *Grande Lessico del Nouvo Testamento*, p. 388.

⁸⁶ DHEILLY J., *Dictionnaire Biblique*, p. 434.

caso, por exemplo, dos Tessalonicenses: «conhecendo bem, irmãos amados de Deus, a vossa eleição» (1Ts 1, 4). Em «particular», quando Paulo se refere, por exemplo, a um dos seus companheiros de viagem, como no caso de Tito: «não tive sossego de espírito porque não encontrei Tito, meu irmão» (2Cor 2, 13) ou de Febe: «recomendo-vos a nossa irmã Febe, que também é diaconisa na igreja de Cêncreas» (Rm 16, 1). Também, em São Paulo, a palavra irmão adquire duas perspetivas, as mesmas que falávamos em relação ao Novo Testamento, a saber: o testemunho de irmão de carne, de sangue⁸⁷ e o testemunho de irmão espiritual⁸⁸. Um aspeto muito característico do uso da palavra irmão é para se falar da união entre a comunidade em si mesma e entre a comunidade e São Paulo, um pouco a exemplo daquilo que Paulo já havia experimentado no farisaísmo, como refere Barbaglio: «merecem uma breve alusão as associações dos fariseus (*haburôt*), construídas sob o signo da fraternidade, expressa em comidas rituais comuns»⁸⁹. Uma fórmula que o Apóstolo dos Gentios utilizava para simbolizar esta união, onde também é usada a palavra irmão, é o «ósculo/beijo santo». De acordo com Murphy-O'Connor, «a troca de beijos entre os membros de uma comunidade simboliza a união do grupo»⁹⁰, e Barbaglio fala de um «sinal de mútuo afeto»⁹¹. Robert Banks, por seu lado, recorda que o beijo é uma expressão real e não simbólica da união⁹². Ora esta expressão aparece sempre associada, implícita ou explicitamente, à palavra irmão e é algo muito específico de São Paulo, pois aparece quatro vezes no *corpus* Paulino: 1Ts 5, 26; 1Cor 16, 20; 2Cor 13, 12; Rm 16,16⁹³.

⁸⁷ Cf. Rm 16, 15b: «Nereu e sua irmã».

⁸⁸ Cf. Flm 20: «Sim, irmão, possa eu sentir-me satisfeito contigo no Senhor: reconforta o meu coração em Cristo».

⁸⁹ BARBAGLIO Giuseppe, *Pablo de Tarso y los Origenes Cristianos*, p. 101.

⁹⁰ MURPHY-O'CONNOR Jerome, *Paulo – Escritor de Cartas*, p. 142.

⁹¹ BARBAGLIO Giuseppe, *Pablo de Tarso y los Origenes Cristianos*, p. 106.

⁹² Cf. BANKS Robert, *Paul's Idea of Community: The Early House Churches in Their Cultural Setting*, p. 88.

⁹³ 1Ts 5, 26: «Saudai todos os irmãos com o ósculo santo». 1Cor 16, 20: «Saúdam-vos todos os irmãos. Saudai-vos uns aos outros com um ósculo santo». 2Cor 13, 12a: «Saudai-vos mutuamente com o ósculo santo». Rm 16, 16a: «Saudai-vos uns aos outros com um beijo santo».

2.4.2-Três Âmbitos Principais

São Paulo utiliza inúmeras vezes a palavra «irmão» nas suas cartas: «o termo *adelphoi*, “irmão”, nos vários parágrafos das suas cartas é de longe a maneira preferida de Paulo referir-se as comunidades às quais escreve»⁹⁴. Fazendo uma leitura de conjunto, é possível delimitá-los em três grandes campos: o campo das representações eclesiais, o campo da afetividade e o campo parenético/exortativo. Estas três áreas vão-nos ajudar a perceber melhor o que Paulo nos quer transmitir ao utilizar o vocabulário da fraternidade.

2.4.2.1-Campo das Representações Eclesiais

O campo das representações eclesiais quer significar as várias vezes que São Paulo apresenta alguém da ou para a comunidade ou se apresenta a si próprio: «Paulo, apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus, e o irmão Timóteo, à igreja de Deus que está em Corinto» (2Cor 1, 1a). Também neste campo cabem as saudações («a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja com o vosso Espírito, irmãos! Ámen» - Gl 6, 18) e os agradecimentos («encontrámos reconforto em vós, irmãos, graças à vossa fé, no meio de todas as nossas angústias e tribulações» - 1Ts 3, 7). Sobre este primeiro campo é possível nomear vinte e sete versículos que o ilustram⁹⁵.

Começamos pelo tópico da apresentação de si ou de outrem. A apresentação em chave fraterna oferece a Paulo a oportunidade para dizer-se mais significativamente, descrevendo a natureza e o impacto da sua missão. Como neste passo: «eu mesmo, quando fui ter convosco, irmãos, não me apresentei com o prestígio da linguagem ou da

⁹⁴ BANKS Robert, *Paul's Idea of Community: The Early House Churches in Their Cultural Setting*, p. 55.

⁹⁵ Cf. Romanos: 16, 1. 14. 15. 23b. 1ª Coríntios: 1, 1; 2, 1; 3, 1; 4, 6a; 14, 6a; 16, 20a. 2ª Coríntios: 1, 1a; 8, 22. 23; 11, 9a. Gálatas: 1, 2. 19; 6, 18. Filipenses: 2, 25; 3, 13a; 4, 1. 8. 21b. 1ª Tessalonicenses: 3, 2. 7; 5, 26. Filémon: 1. 2. (Veja-se o Anexo 1).

sabedoria, para vos anunciar o mistério de Deus» (1Cor 2, 1). A segunda modalidade tem a ver com a apresentação de alguém à comunidade ou da própria comunidade a si mesma. Sobre esta última, podemos dizer que é como que um olhar que Paulo lança sobre a própria comunidade e que a revela na sua essência e vocação, como ele refere: «de resto, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é nobre, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é respeitável, tudo o que possa ser virtude e mereça louvor, tende isso em mente» (Fl 4, 8). Ainda aqui podemos referir a apresentação de algum irmão à comunidade, normalmente um colaborador de Paulo. Sobre os colaboradores do Apóstolo dos Gentios, Robert Banks refere que «existiam figuras fora das igrejas da missão de Paulo que tomaram parte não só nas fundações mas também na sua continuação»⁹⁶. Os irmãos colaboradores de Paulo podem ser mulheres: «recomendo-vos a nossa irmã Febe, que também é diaconisa na igreja de Cêncreas» (Rm 16, 1), ou homens: «e enviámos Timóteo, nosso irmão e colaborador de Deus no Evangelho de Cristo, para vos confirmar e encorajar na vossa fé» (1Ts 3, 2). É interessante que Paulo refere-se aos seus colaboradores como irmãos como podemos ver em Gl 1, 2⁹⁷ e nos exemplos anteriores. Acerca deste ponto Schlier refere: «isto indica tacitamente que o apóstolo tem junto de si e em seu favor [...] tais homens, que não foram chamados e mencionados diretamente por Deus, mas que podem ser mediadores entre ele e a comunidade [...]»⁹⁸.

As saudações são algo inerente ao modo epistolar que Paulo escreve. Estas saudações podem descrever-se como fórmulas comunicacionais que Paulo utiliza para cumprimentar alguém em particular ou a comunidade no seu todo, tanto no início como na despedida das cartas. É notável o modo como ele começa e finda as suas Cartas, pois

⁹⁶ BANKS Robert, *Paul's Idea of Community: The Early House Churches in Their Cultural Setting*, p. 152.

⁹⁷ Gl 1, 2: «todos os irmãos que estão comigo, às igrejas da Galácia».

⁹⁸ SCHLIER Heinrich, *La Carta a los Galatas*, p. 37.

em quase todas elas assistimos a uma linguagem fraternal⁹⁹. Este modo peculiar de escrita, especialmente nas despedidas, significa um simples recordar à comunidade da sua relação fraternal, apesar de todas as dificuldades¹⁰⁰. Nas saudações os dois elementos necessários eram os nomes do remetente e do recetor¹⁰¹. Um bom exemplo de saudação individual é o da carta a Filémon, onde diz: «Paulo, prisioneiro por causa de Cristo Jesus, e o irmão Timóteo, a Filémon, nosso querido colaborador, à irmã Ápia, a Arquipo, nosso companheiro de luta, e à igreja que se reúne em tua casa: a vós, graça e paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo!» (Flm 1-3). Na saudação coletiva temos por exemplo: «Paulo, chamado por vontade de Deus a ser apóstolo de Cristo Jesus, e Sóstenes, nosso irmão, à igreja de Deus que está em Corinto» (1Cor 1, 1-2). Paulo, ao escrever aos Romanos, manda saudações aos vários irmãos daquela igreja como ele refere: «saudai Assíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobas, Hermas e todos os irmãos que estão com eles. Saudai Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã, Olímpio e todos os santos que estão com eles» (Rm 16, 14-15).

Por fim podemos falar acerca dos agradecimentos que Paulo faz a comunidade. Estes agradecimentos do Apóstolo não são tanto de ordem material, mas sim de ordem existencial e espiritual, como ele próprio testemunha: «encontrámos reconforto em vós, irmãos, graças à vossa fé, no meio de todas as nossas angústias e tribulações» (1Ts 3, 7). Mas há também agradecimentos de ordem material. Tome-se 2Cor 11, 9a: «e encontrando-me necessitado no meio de vós, não fui pesado a ninguém, pois os irmãos vindos da Macedónia é que proveram às minhas necessidades».

⁹⁹ A título de exemplo veja-se: Gl 1, 1-2: «Paulo, apóstolo - não da parte dos homens, nem por meio de homem algum, mas por meio de Jesus Cristo e de Deus Pai, que o ressuscitou dos mortos e todos os irmãos que estão comigo, às igrejas da Galácia» e Gl 6, 18: «A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja com o vosso Espírito, irmãos! Amén».

¹⁰⁰ Cf. SCHLIER Heinrich, *La Carta a los Galatas*, p. 332.

¹⁰¹ Cf. MURPHY-O'CONNOR Jerome, *Paulo – Escritor de Cartas*, p. 67.

2.4.2.2-Campo Afetivo

O campo afetivo em São Paulo é muito intenso, e com Darío Gutiérrez podemos enfatizar a sua riqueza afetiva: «A sua alma é como uma harpa que pressionada pelo vento dos acontecimentos emite deferentes melodias. A sua extrema sensibilidade percebe tanto a suave brisa do pequeno acontecimento como o furacão das contrariedades e das perseguições»¹⁰². Neste campo podemos inscrever as expressões de desejo («irmãos, o que eu desejo de todo o coração e o que eu peço a Deus é isto: que eles se salvem» - Rm 10, 1), as informações à comunidade («quero comunicar-vos, irmãos, que o que se passa comigo acabou até por contribuir para o progresso do Evangelho» - Fl 1, 12), o orgulho pela comunidade por parte de São Paulo («conhecendo bem, irmãos amados de Deus, a vossa eleição» - 1Ts 1, 4), a constante solicitude pela missionação («insisti com Tito e enviei com ele outro irmão» - 2Cor 12, 18a) e as inquietudes e saudades impostas pela separação: «mas nós, irmãos, órfãos de vós por breve tempo, longe da vista mas perto de coração, redobramos esforços para rever o vosso rosto, porque tínhamos um ardente desejo» - 1Ts 2, 17). Sobre este campo da afetividade é possível nomear vinte e um passos nas sete Cartas Proto-paulinas¹⁰³. Analisemos agora em maior detalhe estes diversos componentes do campo afetivo.

As expressões de desejo relatam certamente uma dimensão da afetividade. Nelas vemos um Paulo ansioso por ir ter com os irmãos e de estar com eles. Em Rm 1, 13¹⁰⁴ São Paulo expressa o seu plano de ir ter com a comunidade de Roma, como ele próprio refere. Mas a expressão de desejo não é só pelo encontro, mas também pela salvação dos irmãos, como o Apóstolo escreve: «irmãos, o que eu desejo de todo o coração é isto: que eles se salvem» (Rm 10, 1).

¹⁰² MARTÍN Darío Gutiérrez, *Pablo – Perfil Psicológico de un Apóstol*, p. 149.

¹⁰³ Cf. Romanos: 1, 13a; 7, 4; 9, 3; 10, 1; 15, 14. 2ª Coríntios: 2, 13a; 8, 1; 9, 3. 5; 12, 18a. Gálatas: 1, 11; 4, 28; 5, 11. Filipenses: 1, 12. 14a. 1ª Tessalonicenses: 1, 4; 2, 1. 17; 4, 13; 5, 1. 27. (Veja-se o Anexo 2).

¹⁰⁴ Rm 1, 13: «Não quero que ignoreis, irmãos, que muitas vezes me propus ir ter convosco - do que tenho sido impedido até agora - a fim de também entre vós obter algum fruto, do mesmo modo que entre os restantes gentios».

Falando acerca das informações que Paulo fornece às comunidades podemos dizer que é o afirmar algo de específico à própria comunidade. Por exemplo, aos Gálatas o Apóstolo dos gentios faz saber que ele conheceu Jesus Cristo por uma revelação divina: «com efeito, faço-vos saber, irmãos, que o Evangelho por mim anunciado, não o conheci à maneira humana; pois eu não o recebi nem aprendi de homem algum, mas por uma revelação de Jesus Cristo» (Gl 1, 11-12) e que a comunidade é filha da promessa de Deus: «e vós, irmãos, à semelhança de Isaac, sois filhos da promessa» (Gl 4, 28).

Sobre o orgulho pela comunidade podemos dizer que é a alegria que Paulo sente pela própria comunidade, como ele refere em Rm 15, 14: «no que vos toca, meus irmãos, estou pessoalmente convencido de que vós próprios estais cheios de boa vontade, repletos de toda a espécie de conhecimento e com capacidade para vos aconselhardes uns aos outros» ou 1Ts 1, 4: «conhecendo bem, irmãos amados de Deus, a vossa eleição».

Na Segunda Carta aos Coríntios vemos bem patente a preocupação missionária do Apóstolo. São três as passagens que nos informam do envio de irmãos para anunciar e servir os irmãos: 2Cor 9, 3, 2Cor 9, 5 e 2Cor 12, 18¹⁰⁵. A importância destes enviados é que eles «iam e vinham das igrejas locais e por vezes faziam trabalhos específicos»¹⁰⁶ a Paulo, colaborando com a sua estratégia de evangelização.

Sobre a inquietude e as saudades que atormentam o coração de Paulo podemos dizer que é uma consequência daquilo que ele sente pela comunidade: «mas nós, irmãos, longe da vista mas perto de coração, redobramos esforços para rever o vosso rosto, porque tínhamos um ardente desejo. Por isso, tínhamos decidido ir ter convosco –

¹⁰⁵ 2Cor 9, 3: «Enviei-vos, todavia, os irmãos para que o elogio que fiz de vós não seja desmentido neste particular e para que, como disse, estejais preparados». 2Cor 9, 5: «Julgamos, por isso, necessário pedir aos irmãos que fossem adiante ter convosco e preparassem, de antemão, a vossa oferta prometida, e assim esta esteja já pronta como sinal de liberalidade e não de avareza». 2Cor 12, 18a: «Insisti com Tito e enviei com ele outro irmão».

¹⁰⁶ BANKS Robert, *Paul's Idea of Community: The Early House Churches in Their Cultural Setting*, p. 154.

eu, Paulo, mais que uma vez – mas Satanás no-lo impediu» (1Ts 2, 17-18), ou ainda: «não tive sossego de espírito porque não encontrei Tito, meu irmão» (2Cor 2, 13a).

2.4.2.3-Campo Parenético/Exortativo

O campo parenético/exortativo é o campo mais utilizado por São Paulo para referir a semântica do irmão. Em todas as Cartas Proto-paulinas este campo surge. À semelhança dos campos anteriores este campo, também, tem subdivisões. Assim no campo parenético/exortativo podemos falar de exortações à comunidade: «exortamos-vos, irmãos: corrigi os indisciplinados, encorajai os desanimados, amparai os fracos, sede pacientes com todos» (1Ts 5, 14); de pedidos à comunidade ou a alguém em específico: «sim, irmão, possa eu sentir-me satisfeito contigo no Senhor: reconforta o meu coração em Cristo» (Flm 20) e de repreensões com uma certa carga negativa: «ora, por causa de uns intrusos, falsos irmãos, esses que furtivamente se intrometeram a espiar a nossa liberdade» (Gl 2, 4). Sobre este campo parenético/exortativo é possível nomear cinquenta e duas passagens nas sete Cartas em estudo¹⁰⁷. Agora analisaremos as duas modalidades exortativas que São Paulo utiliza, a exortação positiva e a exortação negativa. Paulo «educa os cristãos para que vivam a sua fé com alegria. Nas suas cartas abundam exortações para este estilo de vida»¹⁰⁸.

As exortações positivas querem significar as várias vezes que o Apóstolo Paulo quer dizer algo a comunidade sem que isso cause muito embaraço à própria comunidade, é quase como que uma *captatio benevolentia*. Esta positividade pode ser vista em Fl 3,1: «de resto, meus irmãos, alegrai-vos no Senhor. Escrever-vos as mesmas coisas, a mim não me custa, e a vós torna-vos firmes»; ou ainda «quanto ao resto,

¹⁰⁷ Cf. Romanos: 11, 25a; 12, 1a; 14, 10ab. 13b. 15a. 21; 15, 30; 16, 17. 1ª Coríntios: 1, 10. 11. 26; 5, 11a; 6, 5b. 6. 8; 7, 12b. 15a. 24. 29a; 8, 11. 12. 13; 9, 5; 10, 1; 11, 33; 12, 1; 14, 26a. 39; 15, 1. 2ª Coríntios: 1, 8a; 11, 26; 13, 11. Gálatas: 2, 4; 3, 15; 4, 12. 31; 5, 13; 6, 1. 10. Filipenses: 3, 1. 17. 1ª Tessalonicenses: 2, 14; 4,1. 6. 10; 5, 4. 12. 14. 25. Filémon: 7a. 15-16. 20. (Veja-se o Anexo 3).

¹⁰⁸ MARTÍN Darío Gutiérrez, *Pablo – Perfil Psicológico de un Apóstol*, p. 148.

irmãos, pedimo-vos e exortamo-vos no Senhor Jesus Cristo, a fim de que, tendo aprendido de nós o modo como se deve caminhar e agradar a Deus - e já o fazeis - assim progredais sempre mais» (1Ts 4, 1). Também esta forma de exortação positiva reveste-se, por vezes, de um pedido que o Apóstolo faz: «sim, irmão, possa eu sentir-me satisfeito contigo no Senhor: reconforta o meu coração em Cristo. Escrevo-te porque confio na tua obediência: sei que até farás mais do que aquilo que digo» (Flm 20-21).

As exortações negativas têm muito a ver com a intensa carga que Paulo dá às suas expressões. Um dos exemplos é o uso da expressão falsos irmãos (ψευδαδελφοί) em 2Cor 11, 26 e Gl 2, 4. Sobre estes Paulo adverte para ter muito cuidado com eles. Também este tipo de exortações tem a ver com o advertir para que não haja escândalo entre os irmãos e não se perder nenhum dos irmãos: «e assim, pela tua ciência, vai perder-se quem é fraco, um irmão pelo qual Cristo morreu. Pecando contra os próprios irmãos e ferindo a consciência deles que é débil, é contra Cristo que pecais. Por isso, se um alimento for motivo de queda para o meu irmão, nunca mais voltarei a comer carne, para não causar a queda do meu irmão» (1Cor 8, 11-13).

2.5-«Patriarcalismo de Amor»

Que se pode entender por «patriarcalismo de amor»? Salvador Garcia propõe: «chamamos *patriarcalismo de amor* a uma conceção religiosa da vida, que aceitou as desigualdades fácticas nas relações interpessoais, mas que soube impregná-las de amor

cristão e as tornou, humana e religiosamente, fecundas»¹⁰⁹. Para o autor, esta aceitação igual e fecunda de todos deve-se a algo que se denomina por fraternidade.

A novidade do modelo fraterno de Paulo tem muito a ver com esta construção da comunidade. O «patriarcalismo de amor» assenta numa estrutura onde se verifica uma igualdade fundamental. Para a construção deste ideal o Apóstolo dos Gentios cria estruturas que fomentam a união fraterna. As comunidades paulinas abarcavam vários estratos sociais, desde escravos a altos estatutários da sociedade. A grande vitória desde «patriarcalismo de amor» paulino tem profundamente a ver com o agrupar fraternalmente os vários estratos sociais, com o intuito de «realizar uma fraternidade verdadeira [...] dentro de comunidades fortemente diferenciadas no campo social»¹¹⁰, numa tentativa de : «resolver-se o problema da coexistência de pessoas acomodadas e de pobres na mesma comunidade»¹¹¹, expõe Barbaglio a propósito deste «patriarcalismo de amor». O uso de certas linguagens de parentesco leva a uma remodelação das relações sociais e reproduz um novo contexto¹¹². Nas comunidades saboreava-se uma «experiência de nova fraternidade [...] que superava toda a classe de barreiras sociais e económicas»¹¹³.

¹⁰⁹ SALVADOR GARCIA Miguel, *As Comunidades Paulinas e sua Influência na Configuração do Cristianismo Primitivo*, p. 42.

¹¹⁰ SALVADOR GARCIA Miguel, *As Comunidades Paulinas e sua Influência na Configuração do Cristianismo Primitivo*, p. 42.

¹¹¹ BARBAGLIO Giuseppe, *Pablo de Tarso y los Origenes Cristianos*, p. 106.

¹¹² Cf. HORRELL David G., *From ἀδελφοί to οἶκος Θεοῦ: Social Transformation in Pauline Christianity*, p. 294.

¹¹³ SALVADOR GARCIA Miguel, *As Comunidades Paulinas e sua Influência na Configuração do Cristianismo Primitivo*, p. 43.

3-O Conceito de Irmão e a sua Influência em São Paulo

Este terceiro capítulo do nosso trabalho incidirá, essencialmente, sobre dois aspetos: o conceito de irmão e o ministério paulino. Este capítulo é como que uma síntese de todo o que foi dito nos dois momentos anteriores.

Numa primeira parte caminharemos para uma definição do conceito de irmão. Esta definição focará as Cartas Proto-paulinas. Nesta conceptualização assumiremos, desde o início, o vínculo espiritual que São Paulo refere naquelas sete Cartas. Não abordaremos o vínculo de sangue, pois as referências são poucas a propósito deste vínculo e não é muito importante pois dá-nos apenas a conhecer o sentido comum do conceito de irmão.

Na segunda etapa faremos uma enunciação do ministério do Apóstolo dos Gentios. Nesta caracterização, necessariamente sumária, tomaremos apenas um aspeto, que é o da construção da comunidade sob o alicerce da fraternidade.

3.1-Conceito Paulino de Irmão

O termo «irmão» é usado num sentido de «vários laços relacionais onde há algum laço emocional ou social»¹¹⁴. No caso paulino, ele designa fundamentalmente o ligame entre o apóstolo e a comunidade e a coesão intracomunitária propriamente dita. De facto, em sentido geral, «irmão» exprime um sentido de pertença, extravasando os vínculos de sangue. «Os grupos locais de Cristãos não só gozavam de um grande nível

¹¹⁴ HORRELL David G., *From ἀδελφοί to οἶκος Θεοῦ: Social Transformation in Pauline Christianity*, p. 296.

de coesão e identidade de grupo, mas também lhes era mencionado que pertenciam a um movimento mais abrangente»¹¹⁵. Verificam-se aqui aquelas perspectivas que já referíamos acerca do Mundo Clássico Antigo ao dizer que havia um alargamento da questão fraterna para um nível patriótico e, também quanto ao Mundo Judaico, onde se referia a identificação com o clã. Contudo a novidade que o Apóstolo dos Gentios introduz, ultrapassa este âmbito da tribo ou da nação, como atesta uma certa mudança de paradigma na Carta aos Romanos: «desejaria ser amaldiçoado, ser eu próprio separado de Cristo, pelo bem dos meus irmãos, os da minha raça, segundo a carne» (Rm 9, 3), para os «... irmãos na fé» (Gl 6, 3) «Paulo sente-se orgulhoso de ser judeu, mas reconhece que todos os homens são iguais e quer uni-los na mesma fé e amor de irmãos»¹¹⁶. Com Paulo, o irmão alcança uma conotação que transcende claramente o círculo local e nacional. O interesse deste Apóstolo era criar uma unidade relacional indiferenciada entre os membros das comunidades, sem se importar muito com os vínculos de sangue, de género ou de povo¹¹⁷, e até de condição social.

3.1.1-Dimensão Afetiva/Emocional

Como já referimos o laço que liga São Paulo com a comunidade e entre a comunidade é mais emocional do que meramente social. «Os vocábulos “irmão”, “pai” e “filhos”, tão frequentes no seu epistolário, têm uma indiscutível densidade emocional e afetiva»¹¹⁸. Por laço emocional entendemos aqui aquilo que Paulo lembra aos Filipenses: «quanto anseio por todos vós, com a afeição de Cristo Jesus» (Fl 1, 8) e ainda «sede afetuosos uns para com os outros no amor fraterno; adiantai-vos uns aos

¹¹⁵ MEEKS Wayne A., *The First Urban Christians – The Social World of the Apostle Paul*, p. 107.

¹¹⁶ MARTÍN Darío Gutiérrez, *Pablo – Perfil Psicológico de un Apóstol*, p. 181.

¹¹⁷ Cf. HORRELL David G., *From ἀδελφοί to οἶκος Θεοῦ: Social Transformation in Pauline Christianity*, p. 295.

¹¹⁸ BARBAGLIO Giuseppe, *Pablo de Tarso y los Origenes Cristianos*, p. 113.

outros na estima mútua» (Rm 12, 9-10). Podemos dizer que o laço emocional é uma busca do amor fraterno afeiçoado a Jesus Cristo e que São Paulo «claramente espera que os Cristãos, das várias Igrejas locais, entrem no mesmo registo de amor relacional com todos e entre todos»¹¹⁹. São, de facto, várias as vezes que o Apóstolo dos Gentios expressa uma ligação fraterna com a comunidade, quer a nível coletivo, quer a nível individual. O que Paulo diz a Filémon não é diferente do que ele expressa ao conjunto dos irmãos: «sim, irmão, possa eu sentir-me satisfeito contigo no Senhor: reconforta o meu coração em Cristo» (Flm 20). Este laço emocional tem uma finalidade muito específica: mostrar que todos eram irmãos, mesmo os de igrejas locais diferentes, uma vez que é sob a afeição de Cristo¹²⁰, que se manifesta a afeição de uns pelos outros¹²¹.

Para São Paulo a afetividade pode reduzir-se em seis pontos, de acordo com o autor Dário Gutiérrez¹²². Em primeiro lugar podemos falar de um sinal de pertença enquanto aquele sentimento afetivo de pertencer a um povo e de reagir quando as tradições desse povo estão em causa, e mais tarde é o sentimento de ser de Cristo «mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus» (1Cor 3, 23) e «e se sois de Cristo, sois então descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa» (Gl 3, 29). Seguidamente podemos falar da paixão, sendo que em São Paulo a paixão mais forte é Cristo, como ele refere: «o amor de Cristo nos absorve completamente» (2Cor 5, 14). O nivelamento, terceiro tópico, traduz todo aquele amor que Paulo sente por Deus ser muito paralelo àquele que ele sente pelos Homens: «procurai ter os mesmos sentimentos, assumindo o mesmo amor, unidos numa só alma, tendo um só sentimento» (Fl 2, 2). A questão afetiva também engloba a tristeza, como diz Paulo: «se, por tomares um alimento, entristeces o teu irmão, então não estás a proceder de acordo com o amor» (Rm 14,

¹¹⁹ BANKS Robert, *Paul's Idea of Community: The Early House Churches in Their Cultural Setting*, p. 57.

¹²⁰ Cf. Fl 1, 8: «Pois Deus é minha testemunha de quanto anseio por todos vós, com a afeição de Cristo Jesus».

¹²¹ Cf. Rm 12, 9-10: «Que o vosso amor seja sincero. Detestai o mal e apegai-vos ao bem. Sede afetuosos uns para com os outros no amor fraterno; adiantai-vos uns aos outros na estima mútua».

¹²² Cf. MARTÍN Darío Gutiérrez, *Pablo – Perfil Psicológico de un Apóstol*, p. 146 a 149.

15a). Em quinto lugar podemos falar da exortação, como já havíamos frisado no capítulo anterior quando falávamos dos campos fraternos das Cartas Paulinas. Por fim podemos falar da alegria, por dicotomia com a tristeza: «portanto, meus caríssimos e saudosos irmãos, minha coroa e alegria, permaneço assim firmes no Senhor, caríssimos» (Fl 4, 1).

3.1.2-Identidade, Afetividade e Comunidade

Sobre o tema da identidade podemos referir que o conceito de irmão apela para uma identificação dos cristãos, dos «irmãos amados de Deus» (1Ts 1, 4b), dos irmãos por quem Jesus Cristo morreu¹²³. Assim falar em irmão em São Paulo já temos assumido que, além da referência a uma comunidade em específico, abrange os cristãos em geral.

Sob o signo da afetividade o conceito de irmão ganha um significado mais profundo. Esta nomenclatura afetuosa não é uma mera superficialidade, deve ir mais fundo atingindo o interior, esse centro vital que é a fonte dos sentimentos, como Paulo diz: «tende entre vós os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus» (Fl 2, 5). Em nome deste repto, os cristãos são chamados a ultrapassar barreiras e a caminhar para uma nova ordem social de igualdade.

Finalmente, a noção de irmão leva ao desenvolvimento e maturação qualitativa das relações no interior da comunidade. Partindo do modelo afetivo, as comunidades são chamadas a experimentar internamente uma configuração social inédita, baseada na igualdade e na liberdade em Cristo, rompendo com os modelos restritivos vigentes, tanto no espaço helenístico-romano como no espaço judaico. Na verdade, «a proeminência desta descrição de parentesco parece implicar que Paulo assume e

¹²³ Cf. 1Cor 8, 11c: «um irmão pelo qual Cristo morreu».

promove a relação entre ele próprio e os seus destinatários, e entre os destinatários entre si, como a parentescos iguais, que partilham um sentido de afeição, responsabilidade e solidariedade mútuas»¹²⁴.

3.2-Um Modo Original de Construir Comunidades

O Mundo do Apóstolo dos Gentios é o Império Romano. De acordo com Robert Banks, o espaço civilizacional em que Paulo se movimenta assenta sobre dois alicerces: a *politeia* e a *oikonomia*. Por *politeia* entende-se «a vida pública da cidade ou da nação às quais as pessoas pertencem» e por *oikonomia* «a ordem da casa na qual nascem e à qual estão ligadas»¹²⁵. Ora tendo em conta estas duas pedras angulares da sociedade romana não é difícil compreender a importância que a casa jogará no projeto missionário paulino, uma vez que ele determinou a deslocação do Evangelho do mundo campesino para a cidade¹²⁶. O contexto em que Paulo se inscreve é um território (social, mental, religioso) variado, no sentido em que existiam vários grupos nas cidades, desde filósofos, classes médias e altas, escravos e judeus da diáspora, que por vezes reagiam contra esta hegemonia romana. «Os diferentes grupos na cidade e, dentro dos grupos, pessoas de diferentes estatutos eram muitas vezes afetados pela hegemonia de Roma, e reagiam com emoções e estratégias várias contra a efetiva presença daquele poder nas suas cidades»¹²⁷.

¹²⁴ HORRELL David G., *From ἀδελφοί to οἶκος Θεοῦ: Social Transformation in Pauline Christianity* p. 299.

¹²⁵ BANKS Robert, *Paul's Idea of Community: The Early House Churches in Their Cultural Setting*, p. 15.

¹²⁶ Cf. ARBIOL Carlos J. Gil, *De la Casa a la Ciudad: Criterios para Comprender la Relevância de las Asambleas Paulinas en 1Cor*, p. 50.

¹²⁷ MEEKS Wayne A., *The First Urban Christians – The Social World of the Apostle Paul*, p. 13.

São Paulo em vez de peregrinar de terra em terra, escolhia os grandes centros urbanos, selecionando primeiramente as capitais de província. É importante referir que embora ele não andasse de terra em terra ele fez três grandes viagens, onde «percorreu, por terra e por mar, um total de milhares de quilómetros [...] cerca de 1000 quilómetros para a primeira viagem, [...] 1400 para a segunda e [...] 1700 para a terceira»¹²⁸. Chegando a uma cidade Paulo tinha um *modus operandi* particular. Em primeiro lugar procurava espaços populosos de encontro, como as sinagogas e as ágoras das cidades¹²⁹, depois, se alguém tocado pelas suas palavras lhe oferecia hospedagem, começava aí a evangelização, tomando a casa como plataforma e alavanca para a expansão da Palavra¹³⁰.

As casas tornavam-se como que igrejas domésticas, daí Paulo escrever na Carta a Filémon: «à igreja que se reúne em tua casa». (Flm 2c). As reuniões dos irmãos cristãos passam a ser feitas em casas¹³¹. Alguns dos pontos importantes na caracterização destas reuniões domésticas eram: ser no primeiro dia da semana¹³², estarem todos reunidos para ouvirem a Palavra¹³³, a refeição comum¹³⁴ e o memorial da Ceia do Senhor¹³⁵. Sobre esta questão da refeição comum o autor Giuseppe Barbaglio refere que «para Paulo, a comida em comum, expressão de fraternidade e amor (*agapé*), representa paulatinamente a nova agregação de pessoas distintas por cultura, por ingresso, por posição social, por sexo e tradição religiosa, que deixam erigir essa

¹²⁸ COTHENET Edouard, *São Paulo no Seu Tempo*, p. 31.

¹²⁹ Cf. COTHENET Edouard, *São Paulo no Seu Tempo*, p.13.

¹³⁰ Cf. BARBAGLIO Giuseppe, *Pablo de Tarso y los Origenes Cristianos*, p. 95.

¹³¹ Sobre a reunião dos Cristãos veja-se, por exemplo: BANKS Robert, *Paul's Idea of Community: The Early House Churches in Their Cultural Setting*, p. 33 a 42 e ARBIOL Carlos J. Gil, *De la Casa a la Ciudad: Criterios para Compreender la Relevância de las Asambleas Paulinas en 1Cor*, p. 17 a 50.

¹³² Cf. Act 20, 7: «No primeiro dia da semana, estando nós reunidos para partir o pão» e 1Cor 16, 2: «no primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em sua casa, o que tiver conseguido poupar».

¹³³ Cf. 1Cor 14, 23: «se toda a assembleia estivesse reunida e todos comessem a falar em línguas, os simples ouvintes ou descrentes que entrassem, não diriam que estáveis loucos?».

¹³⁴ Cf. 1Cor 11, 20-21: «Quando, pois, vos reunis, não é a ceia do Senhor que comeis, pois cada um se apressa a tomar a sua própria ceia; e enquanto um passa fome, outro fica embriagado».

¹³⁵ Cf. 1Cor 11, 23-25: «Com efeito, eu recebi do Senhor o que também vos transmiti: o Senhor Jesus na noite em que era entregue, tomou pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim”. Do mesmo modo, depois da ceia, tomou o cálice e disse: “Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; fazei isto sempre que o beberdes, em memória de mim”».

diversidade entre eles como fator determinante»¹³⁶, como o próprio Apóstolo dos Gentios lembra: «não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus» (Gl 3, 28).

3.2.1-A Qualidade das Relações na Comunidade

Uma das insistências do Apóstolo é na qualidade genuinamente fraterna que deve assinalar as relações intracomunitárias. Recorde-se uma evidência: «não estamos perante comunidades perfeitas. Nem tudo nelas era santo. [...] Enfrentavam [...] dificuldades, tensões, discórdias, ciúmes, invejas, rivalidades, problemas práticos, pecados. As fraternidades não eram, propriamente, um paraíso»¹³⁷. A este propósito, Paulo escreve aos Tessalonicenses falando de santidade e de caridade: «que ninguém, nesta matéria, defraude e se aproveite do seu irmão, porque o Senhor vingará tudo isto, como já vos dissemos e testemunhámos». (1Ts 4, 6). Também aos Filipenses recorda: «de resto, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é nobre, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é respeitável, tudo o que possa ser virtude e mereça louvor, tende isso em mente» (Fl 4, 8).

Se formos olhar para o mundo em que Paulo viveu deparamo-nos com um aspeto inevitável, que tem a ver com a caracterização social da época. O Império Romano era uma sociedade muito estratificada, de acordo com as classes sociais, a etnia e o género, e havia uma vincada diferença entre a cidade e o campo¹³⁸. A ideia de Paulo ao referir um sentido de pertença fraterna de todos os cristãos era congregá-los segundo um paradigma alternativo, radicalmente transformado pela experiência evangélica.

¹³⁶ BARBAGLIO Giuseppe, *Pablo de Tarso y los Origenes Cristianos*, p. 106.

¹³⁷ SALVADOR GARCIA Miguel, *As Comunidades Paulinas e sua Influência na Configuração do Cristianismo Primitivo*, p. 43.

¹³⁸ Cf. BANKS Robert, *Paul's Idea of Community: The Early House Churches in Their Cultural Setting*, p. 113 a 114 e MEEKS Wayne A., *The First Urban Christians – The Social World of the Apostle Paul*, p. 13 a 15.

Nesse sentido, Paulo «contribuiu [...] para aprofundar os valores de liberdade e de igualdade, [...] acrescentando a exigência especificamente cristã da fraternidade»¹³⁹.

3.2.2-Construção Fraternal da Casa/Comunidade

O espaço da casa é, de forma eminente, um espaço de construção social. A fraternidade é igualmente uma trave-mestra na construção da casa, e da «casa de Deus». Todo o espaço da casa oferece um âmbito natural para a construção social. A casa organiza-se segundo cinco critérios que determinam a sua natureza e consistência: a visibilidade, o controlo, as fronteiras, as funções e o género, segundo um estudo de Carlos Arbiol¹⁴⁰.

O critério da visibilidade, como o próprio nome indica, expressa aquilo que a casa dá a ver e que pode ser observado por estranhos à casa. Os estranhos não eram permitidos em casa, mas podiam ver o estatuto do domicílio pela ornamentação do próprio. Contudo, na casa paulina, os estranhos à comunidade, ou seja, os não-batizados, tinham permissão de assistir à Ceia do Senhor. O próprio Paulo refere: «se toda a assembleia estivesse reunida e todos comessem a falar em línguas, os simples ouvintes ou descrentes que entrassem, não diriam que estáveis loucos?» (1Cor 14, 23).

O controlo, segundo ponto da classificação, refere a vigilância e o poder que o chefe da casa detinha. Este critério endereça-nos à esfera da autoridade, que nas sociedades romanas era exercida pelo *paterfamilias*¹⁴¹. Segundo São Paulo este critério não deveria ser somente privado, mas também público. A única autoridade de controlo é o Senhor, pois «a autoridade do Senhor por cima de toda a autoridade [...] é o

¹³⁹ SALVADOR GARCIA Miguel, *As Comunidades Paulinas e sua Influência na Configuração do Cristianismo Primitivo*, p. 42.

¹⁴⁰ Cf. ARBIOL Carlos J. Gil, *De la Casa a la Ciudad: Criterios para Compreender la Relevância de las Asambleas Paulinas en 1Cor*, p. 17 a 50.

¹⁴¹ Cf. DUNN James D. G., *The Theology of Paul the Apostle*, p. 591.

argumento teológico que suporta este deslocamento do público até abarcar o privado; o público penetra no privado e com ele o controlo dos espaços e funções»¹⁴².

O terceiro critério é o das fronteiras. Com este tópico quer-se evidenciar a divisão interior da casa e, também, a divisão entre a esfera do privado e do público. Esta divisão não era só em relação ao exterior, mas trazia implicado também o interno ao próprio espaço. Paulo quer terminar com as fronteiras que remetiam a assembleia para o foro do privado, para dar uma inconfundível dimensão una e pública da casa. Por isso o Apóstolo diz: «peço-vos, irmãos, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, que estejais todos de acordo e que não haja divisões entre vós; permanecei unidos num mesmo espírito e num mesmo pensamento» (1Cor 1, 10).

Seguindo esta criteriologia, em quarto lugar surgem as funções. O mesmo espaço podia compreender uma série de funções diversas. No lar paulino este critério claramente se mantém pois «na lista de dons carismáticos (1Cor 12, 8-10. 28-30; Rm 12, 6-8) revela-se um processo de diversificação das funções e de divisão da comunidade»¹⁴³.

Por fim o critério do género tem a ver com a distribuição dos serviços de acordo com o género. Assim havia funções masculinas e funções femininas. São Paulo relativiza um pouco as funções de acordo com o género, já que como diz em 1Cor 11, 5¹⁴⁴ as mulheres também podem profetizar.

Podemos concluir que «um espaço revela maior carácter público quanto mais visível, mais controlado, mais político, mais masculino resulte para os seus habitantes num determinado momento; contrariamente, um espaço revela um maior carácter privado quanto mais invisível, mais incontrolado, mais doméstico, mais feminino seja para os

¹⁴² ARBIOL Carlos J. Gil, *De la Casa a la Ciudad: Criterios para Comprender la Relevância de las Asambleas Paulinas en 1Cor*, p. 38.

¹⁴³ ARBIOL Carlos J. Gil, *De la Casa a la Ciudad: Criterios para Comprender la Relevância de las Asambleas Paulinas en 1Cor*, p. 41.

¹⁴⁴ 1Cor 11, 5: «Mas toda a mulher que reza ou profetiza, de cabeça descoberta, desonra a sua cabeça; é como se estivesse com a cabeça rapada».

seus habitantes num determinado momento»¹⁴⁵. Veja-se a seguinte tabela¹⁴⁶ que o autor Carlos Arbiol propõe como síntese.

O Estranho	O Controlo	As Funções	O Género	As Fronteiras
visível	controlado	político	masculino	dividido
+	+	+	+	+
-	-	-	-	-
invisível	incontrolado	doméstico	feminino	ambíguo

Na abordagem à casa de tipologia paulina podemos constatar que o Apóstolo Paulo queria fazer do espaço doméstico um espaço verdadeiramente fraterno, «certamente as palavras de Paulo parecem deliberadamente escolhidas para cobrir a imensidade das mais profundas distinções dentro da sociedade humana – racial/cultural, social/economia, e sexual/género. Mas ele refere que essas distinções foram relativizadas, não removidas»¹⁴⁷. A casa devia ser um exemplo de vida fraternal, onde todos se incluem, pois já «não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus» (Gl 3, 28). O irmão «é a básica designação identitária daqueles que são membros das comunidades cristãs»¹⁴⁸. Contudo Paulo faz uma advertência contra os falsos irmãos, para ter cuidado com eles: «escrevi que não devíeis associar-vos com quem, dizendo-se irmão, fosse devasso, avarento, idólatra, caluniador, beberrão ou ladrão. Com estes, nem sequer deveis comer» (1Cor 5, 11).

¹⁴⁵ ARBIOL Carlos J. Gil, *De la Casa a la Ciudad: Criterios para Comprender la Relevância de las Asambleas Paulinas en 1Cor*, p. 32.

¹⁴⁶ Cf. ARBIOL Carlos J. Gil, *De la Casa a la Ciudad: Criterios para Comprender la Relevância de las Asambleas Paulinas en 1Cor*, p. 32.

¹⁴⁷ DUNN James D. G., *The Theology of Paul the Apostle*, p. 592 a 593.

¹⁴⁸ HORRELL David G., *From ἀδελφοί to οἶκος Θεοῦ: Social Transformation in Pauline Christianity*, p. 300.

Conclusão

Chegamos ao fim do trabalho. Esperamos ter mostrado que a noção de «irmão» é uma das bases da construção das comunidades paulinas, e um elemento que distingue o quadro relacional de Paulo com os cristãos. São algumas as conclusões a que podemos chegar. Em primeiro lugar, sublinhar a importância do Mundo Antigo Clássico e do Mundo Judaico para o ministério e projeto paulinos, isto no que compreende à construção fraternal da casa. Num segundo momento, constatar que as temáticas fraternais paulinas são variadas, mas que convergem, em muito, para um único princípio de edificação e manutenção das comunidades. Por fim ainda verificar como a questão fraternal foi basilar na biografia de Paulo.

Sobre a questão do *background* do Mundo Clássico e do Mundo Judeu duas coisas se podem referir. Uma primeira tem a ver com o apropriar-se de algumas das noções destas mundividências, tais como a liberdade e a igualdade, patentes já em Aristóteles; e a temática da casa, acessível em dados concretos do Mundo Judaico, como na lei do Levirato e a primogenitura. Ora com estes dados, Paulo vai construir as suas comunidades, «as casas de Deus», com liberdade e igualdade como ele refere: «irmãos, de facto, foi para a liberdade que vós fostes chamados» (Gl 5, 13a). O outro aspeto a relevar é que já no Mundo Clássico Antigo e no Mundo Judaico, o conceito de irmão não era somente aplicado aos familiares do mesmo sangue, mas também aos membros de uma associação e até mesmo de um clã ou uma nação.

Vimos também que a morfologia paulina da fraternidade é imensa, comprovado pela frequência com que o vocábulo é repetido nas Cartas Proto-paulinas. Agrupando-o, nomeamos três campos essenciais: o das representações eclesiais, o da afetividade e o parenético/exortativo. Cada um destes campos tem as suas subdivisões que nos

permitem perceber melhor o que Paulo quer referir. O vocábulo irmão serve para instruir, educar e fomentar as relações entre ele e a comunidade e na comunidade entre si. Mas o intuito final destas alusões é fazer com que as comunidades se sintam unidas entre si e formem uma verdadeira família, onde o princípio da fraternidade seja a base para uma vivência unida da fé e do Evangelho de Jesus Cristo.

Em Paulo toda a questão fraterna exercita-se num monopólio entre o seu significado de consanguinidade (significado comum de irmão de sangue) e o seu sentido espiritual (fundação de uma família que vai além dos laços de sangue). A questão fraternal foi sempre basilar em Paulo: a partir dela ele fundou e construiu as comunidades. Este conceito é igualmente central porque com ele percebemos melhor as relações entre os cristãos das primeiras gerações.

Anexo 1 – Campo das Representações Eclesiais

Apresentações	
Carta aos Romanos	<p>Rm 16, 1 - «Recomendo-vos a nossa irmã Febe, que também é diaconisa na igreja de Cêncreas».</p> <p>Rm 16, 23b - «Saúda-vos Erasto, o tesoureiro da cidade, e o irmão Quarto».</p>
Primeira Carta aos Coríntios	<p>1Cor 1, 1 - «Paulo, chamado por vontade de Deus a ser apóstolo de Cristo Jesus, e Sóstenes, nosso irmão».</p> <p>1Cor 2, 1 - «Eu mesmo, quando fui ter convosco, irmãos, não me apresentei com o prestígio da linguagem ou da sabedoria, para vos anunciar o mistério de Deus».</p> <p>1Cor 3, 1 - «Quanto a mim, irmãos, não pude falar-vos como a simples homens espirituais, mas como a homens carnis, como a criancinhas em Cristo».</p> <p>1Cor 4, 6a - «Se apliquei tudo isto a mim e a Apolo, irmãos, foi por vossa causa, para que aprendais de nós mesmos a “não ir além do que está escrito”».</p> <p>1Cor 14, 6a - «Imaginaí agora, irmãos, que eu ia ter convosco e vos falava em línguas».</p>
Segunda Carta aos Coríntios	<p>2Cor 1, 1a - «Paulo, apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus, e o irmão Timóteo, à igreja de Deus que está em Corinto».</p> <p>2Cor 8, 22 - «Com eles enviámos também o nosso irmão, cujo zelo temos experimentado, de muitos modos e muitas vezes, e que agora se mostra ainda mais solícito, pela grande confiança que deposita em vós».</p> <p>2Cor 8, 23 - «Quanto a Tito, é meu companheiro e meu colaborador junto de vós; quanto aos nossos irmãos, são enviados das igrejas, glória de Cristo».</p>
Carta aos Gálatas	<p>Gl 1, 2 - «E todos os irmãos que estão comigo, às igrejas da Galácia».</p> <p>Gl 1, 19 - «Mas não vi nenhum outro Apóstolo, a não ser Tiago, o irmão do Senhor».</p>
Carta aos Filipenses	<p>Fl 2, 25 - «Entretanto, acho necessário enviar-vos Epafrodito, meu irmão, colaborador e companheiro de luta e vosso enviado para me servir nas minhas necessidades».</p> <p>Fl 3, 13a - «Irmãos, não me julgo como se já o tivesse alcançado».</p> <p>Fl 4, 1 - «Portanto, meus caríssimos e saudosos irmãos, minha coroa e alegria, permaneci assim firmes no Senhor, caríssimos».</p> <p>Fl 4, 8 - «De resto, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é nobre, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é respeitável, tudo o que possa ser virtude e mereça louvor, tende isso em mente».</p>
Primeira Carta aos Tessalonicenses	<p>1Ts 3, 2 - «E enviámos Timóteo, nosso irmão e colaborador de Deus no Evangelho de Cristo, para vos confirmar e encorajar na vossa fé».</p>

Carta a Filémon	<p>FIm 1 - «Paulo, prisioneiro por causa de Cristo Jesus, e o irmão Timóteo, a Filémon, nosso querido colaborador».</p> <p>FIm 2 - «À irmã Ápia, a Arquipo, nosso companheiro de luta, e à igreja que se reúne em tua casa».</p>
------------------------	--

Saudações	
Carta aos Romanos	<p>Rm 16, 14 - «Saudai Assíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobas, Hermas e todos os irmãos que estão com eles».</p> <p>Rm 16, 15 - «Saudai Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã, Olímpio e todos os santos que estão com eles».</p>
Primeira Carta aos Coríntios	1Cor 16, 20a - «Saúdam-vos todos os irmãos».
Carta aos Gálatas	Gl 6, 18 - «A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja com o vosso Espírito, irmãos! Ámen».
Carta aos Filipenses	Fil 4, 21b - «Saúdam-vos os irmãos que estão comigo».
Primeira Carta aos Tessalonicenses	1Ts 5, 26 - «Saudai todos os irmãos com o ósculo santo».

Agradecimentos	
Segunda Carta aos Coríntios	2Cor 11, 9a - «E encontrando-me necessitado no meio de vós, não fui pesado a ninguém, pois os irmãos vindos da Macedónia é que proveram às minhas necessidades».
Primeira Carta aos Tessalonicenses	1Ts 3, 7 - «Encontrámos reconforto em vós, irmãos, graças à vossa fé, no meio de todas as nossas angústias e tribulações».

Anexo 2 – Campo da Afetividade

Expressões de Desejo	
Carta aos Romanos	<p>Rm 1, 13a - «Não quero que ignoreis, irmãos, que muitas vezes me propus ir ter convosco».</p> <p>Rm 9, 3 - «Desejaria ser amaldiçoado, ser eu próprio separado de Cristo, pelo bem dos meus irmãos, os da minha raça, segundo a carne».</p> <p>Rm 10, 1 - «Irmãos, o que eu desejo de todo o coração e o que para eles eu peço a Deus é isto: que eles se salvem».</p>

Informações à Comunidade	
Carta aos Romanos	Rm 7, 4 - «Meus irmãos, o mesmo acontece convosco: mediante o corpo de Cristo, morrestes para a lei, para vos dardes a um outro, ao ressuscitado de entre os mortos, a fim de produzirmos frutos para Deus».
Carta aos Gálatas	<p>Gl 1, 11 - «Com efeito, faço-vos saber, irmãos, que o Evangelho por mim anunciado, não o conheci à maneira humana».</p> <p>Gl 4, 28 - «E vós, irmãos, à semelhança de Isaac, sois filhos da promessa».</p> <p>Gl 5, 11 - «Quanto a mim, irmãos, se eu ainda prego a circuncisão, porque sou ainda perseguido?»</p>
Carta aos Filipenses	<p>Fl 1, 12 - «Quero comunicar-vos, irmãos, que o que se passa comigo acabou até por contribuir para o progresso do Evangelho».</p> <p>Fl 1, 14a - «E a maior parte dos irmãos no Senhor, é pela confiança ganha devido às minhas prisões»</p>
Primeira Carta aos Tessalonicenses	<p>1Ts 2, 1 - «Irmãos, vós próprios bem sabeis que não foi vã a nossa estadia entre vós».</p> <p>1Ts 5, 1 - «Irmãos, quanto aos tempos e aos momentos, não precisais que vos escreva».</p> <p>1Ts 5, 27 - «Advirto-vos no Senhor que esta Carta seja lida a todos os irmãos».</p>

Orgulho pela Comunidade	
Carta aos Romanos	Rm 15, 14 - «No que vos toca, meus irmãos, estou pessoalmente convencido de que vós próprios estais cheios de boa vontade, repletos de toda a espécie de conhecimento e com capacidade para vos aconselhardes uns aos outros».
Primeira Carta aos Tessalonicenses	1Ts 1, 4 - «Conhecendo bem, irmãos amados de Deus, a vossa eleição».

Missionação	
Segunda Carta aos Coríntios	<p>2Cor 9, 3 - «Enviei-vos, todavia, os irmãos para que o elogio que fiz de vós não seja desmentido neste particular e para que, como disse, estejais preparados».</p> <p>2Cor 9, 5 - «Julgamos, por isso, necessário pedir aos irmãos que fossem adiante ter convosco e preparassem, de antemão, a vossa oferta prometida, e assim esta esteja já pronta como sinal de liberalidade e não de avareza».</p> <p>2Cor 12, 18a - «Insisti com Tito e enviei com ele outro irmão».</p>

Inquietudes e Saudades	
Segunda Carta aos Coríntios	<p>2Cor 2, 13a - «Não tive sossego de espírito porque não encontrei Tito, meu irmão».</p> <p>2Cor 8, 1 - «Queremos dar-vos a conhecer, irmãos, a graça que Deus concedeu às igrejas da Macedónia».</p>
Primeira Carta aos Tessalonicenses	<p>1Ts 2, 17 - «Mas nós, irmãos, longe da vista mas perto de coração, redobrámos esforços para rever o vosso rosto, porque tínhamos um ardente desejo».</p> <p>1Ts 4, 13 - «Irmãos, não queremos deixar-vos na ignorância a respeito dos que faleceram, para não andardes tristes como os outros, que não têm esperança».</p>

Anexo 3 – Campo Parenético/Exortativo

Exortações	
Carta aos Romanos	<p>Rm 11, 25a - «Eu não quero, irmãos, que ignoreis este mistério, para que vos não julgueis sábios».</p> <p>Rm 12, 1a - «Por isso, vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus».</p> <p>Rm 14, 10ab - «Mas tu, porque julgas o teu irmão? E tu, porque desprezas o teu irmão?»</p> <p>Rm 15, 30 - «Exorto-vos, irmãos, por Nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, a que luteis comigo, pelas orações que fazeis a Deus por mim».</p> <p>Rm 16, 17 - «Entretanto, irmãos, exorto-vosa que tenhais cautela com os que provocam divisões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; desviai-vos deles».</p>
Primeira Carta aos Coríntios	<p>1Cor 1, 26 - «Considerai, pois, irmãos, a vossa vocação: humanamente falando, não há entre vós muitos sábios, nem muitos poderosos, nem muitos nobres».</p> <p>1Cor 6, 5b - «Não haverá, entre vós, ninguém suficientemente sábio para poder julgar entre irmãos?»</p> <p>1Cor 7, 12b - «Se algum irmão tem uma esposa não crente e esta consente em habitar com ele, não a repudie».</p> <p>1Cor 7, 15a - «Mas se o não crente quiser separar-se, que se separe, porque, em tais circunstâncias, nem o irmão nem a irmã estão vinculados».</p> <p>1Cor 7, 24 - «Irmãos, permaneça cada um, diante de Deus, na condição em que se encontrava quando foi chamado».</p> <p>1Cor 7, 29a - «Eis o que vos digo, irmãos: o tempo é breve».</p> <p>1Cor 10, 1 - «Não quero que ignoreis, irmãos, que os nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, todos passaram através do mar».</p> <p>1Cor 12, 1 - «A respeito dos dons do Espírito, irmãos, não quero que fiqueis na ignorância».</p> <p>1Cor 14, 26a - «Que devemos fazer, então, irmãos?»</p> <p>1Cor 14, 39 - «Assim, pois, irmãos, aspirai ao dom da profecia e não impeçais que se fale em línguas».</p>
Segunda Carta aos Coríntios	<p>2Cor 1, 8a - «Não queremos, irmãos, que ignoreis a tribulação que nos sobreveio na Ásia».</p> <p>2Cor 13, 11 - «De resto, irmãos, sede alegres, tendei para a perfeição, confortai-vos uns aos outros, tende um mesmo sentir, vivei em paz e o Deus do amor e da paz estará convosco».</p>
Carta aos Gálatas	<p>Gl 3, 15 - «Irmãos, vou falar-vos à maneira humana: mesmo vindo de um homem, um testamento que tenha entrado em vigor ninguém o pode anular ou aumentar».</p> <p>Gl 4, 31 - «Por isso, irmãos, não somos filhos da escrava, mas da mulher livre».</p> <p>Gl 5, 13a - «Irmãos, de facto, foi para a liberdade que vós</p>

	<p>fostes chamados».</p> <p>Gl 6, 1 - «Irmãos, se porventura um homem for apanhado nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi essa pessoa com espírito de mansidão; e tu olha para ti próprio, não estejas também tu a ser tentado».</p> <p>Gl 6, 10 - «Portanto, enquanto temos tempo, pratiquemos o bem para com todos, mas principalmente para com os irmãos na fé».</p>
Carta aos Filipenses	Fl 3, 1a - «De resto, meus irmãos, alegrai-vos no Senhor».
Primeira Carta aos Tessalonicenses	<p>1Ts 2, 14 - «De facto, irmãos, vós tornastes-vos imitadores das igrejas de Deus, que estão na Judeia, em Cristo Jesus, pois também sofrestes, da parte dos vossos compatriotas, o mesmo que elas sofreram da parte dos Judeus».</p> <p>1Ts 4, 10 - «Aliás, vós já o fazeis com todos os irmãos da Macedónia. Exortamo-vos, irmãos, a progredir sempre mais».</p> <p>1Ts 5, 4 - «Mas vós, irmãos, não estais nas trevas, de modo que esse dia vos surpreenda como um ladrão».</p> <p>1Ts 5, 14 - «Exortamo-vos, irmãos: corrigi os indisciplinados, encorajai os desanimados, amparai os fracos, sede pacientes com todos».</p>
Carta a Filémon	<p>Flm 7 - «De facto, foi grande a alegria e a consolação que tive com o teu amor, porque os corações dos santos foram reconfortados por meio de ti, irmão».</p> <p>Flm 20 - «Sim, irmão, possa eu sentir-me satisfeito contigo no Senhor: reconforta o meu coração em Cristo».</p>

Pedidos	
Carta aos Romanos	<p>Rm 14, 13b - «Tomai de preferência esta decisão: não ser para o irmão causa de tropeço ou de escândalo».</p> <p>Rm 14, 21 - «O que é bom é não comer carne nem beber vinho, nada em que o teu irmão possa tropeçar».</p>
Primeira Carta aos Coríntios	<p>1Cor 1, 10 - «Peço-vos, irmãos, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, que estejais todos de acordo e que não haja divisões entre vós».</p> <p>1Cor 5, 11a - «Não. Escrevi que não devíeis associar-vos com quem, dizendo-se irmão, fosse devasso, avarento, idólatra, caluniador, beberrão ou ladrão».</p> <p>1Cor 11, 33 - «Por isso, meus irmãos, quando vos reunirdes para comer, esperai uns pelos outros».</p> <p>1Cor 15, 1 - «Lembro-vos, irmãos, o Evangelho que vos anunciei, que vós recebestes, no qual permanecéis firmes».</p>
Carta aos Gálatas	Gl 4, 12a - «Isto vos peço, irmãos: sede como eu, pois também eu me tornei como vós».
Carta aos Filipenses	Fl 3, 17 - «Sede todos meus imitadores, irmãos, e olhai atentamente para aqueles que procedem conforme o modelo que tendes em nós».
Primeira Carta aos Tessalonicenses	<p>1Ts 4, 1 - «Quanto ao resto, irmãos, pedimo-vos e exortamo-vos no Senhor Jesus Cristo, a fim de que, tendo aprendido de nós o modo como se deve caminhar e agradar a Deus - e já o fazeis - assim progredais sempre mais».</p> <p>1Ts 5, 12 - «Pedimo-vos, irmãos, que sejais reconhecidos para</p>

	com aqueles que se afadigam entre vós, que vos governam no Senhor e que vos instruem». 1Ts 5, 25 - «Irmãos, orai também por nós».
Carta a Filémon	Fm 15-16 - «É que, afinal, talvez tenha sido por isto que ele foi afastado por breve tempo: para que o recebas para sempre, não já como escravo, mas muito mais do que um escravo: como irmão querido; isto especialmente para mim, quanto mais para ti, que com ele estás relacionado tanto humanamente como no Senhor».

Negatividade	
Carta aos Romanos	Rm 14, 15a - «Se, por tomares um alimento, entristeces o teu irmão, então não estás a proceder de acordo com o amor».
Primeira Carta aos Coríntios	1Cor 1, 11 - «Pois, meus irmãos, fui informado pelos da casa de Cloé, que há discórdias entre vós». 1Cor 6, 6 - «No entanto, um irmão processa o seu irmão, e isto diante dos não crentes!» 1Cor 6, 8 - «Mas, pelo contrário, sois vós que cometeis injustiças e causais danos, e isto contra os próprios irmãos!» 1Cor 8, 11 - «E assim, pela tua ciência, vai perder-se quem é fraco, um irmão pelo qual Cristo morreu». 1Cor 8, 12 - «Pecando contra os próprios irmãos e ferindo a consciência deles que é débil, é contra Cristo que pecais». 1Cor 8, 13 - «Por isso, se um alimento for motivo de queda para o meu irmão, nunca mais voltarei a comer carne, para não causar a queda do meu irmão». 1Cor 9, 5 - «Não temos o direito de levar connosco, nas viagens, uma mulher (irmã) cristã, como os restantes Apóstolos, os irmãos do Senhor e Cefas?»
Segunda Carta aos Coríntios	2Cor 11, 26 - «Viagens a pé sem conta, perigos nos rios, perigos de salteadores, perigos da parte dos meus irmãos de raça, perigos da parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos da parte dos falsos irmãos!»
Carta aos Gálatas	Gl 2, 4 - «Ora, por causa de uns intrusos, falsos irmãos, esses que furtivamente se intrometeram a espiar a nossa liberdade, aquela que temos em Cristo Jesus, a fim de nos reduzirem à escravidão».
Primeira Carta aos Tessalonicenses	1Ts 4, 6 - «Que ninguém, nesta matéria, defraude e se aproveite do seu irmão, porque o Senhor vingará tudo isto, como já vos dissemos e testemunhámos».

Bibliografia

Fontes:

Bible Works, Versão 6, Edição Cd-Rom, 2003.

Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, Lisboa e Fátima, 2002, 4ª Edição.

Novo Testamento Interlinear: Grego-Português, Sociedade Bíblica do Brasil, Brasil, 2004.

The Greek New Testament, United Bible Societies, Estados Unidos da América, 1983, 4ª Edição Revista.

Mundo Extra-Bíblico

ARISTÓTELES, *Ética a Nicómaco*, Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, Madrid, 2002, 8ª Edição, Bilingue.

ARISTÓTELES, *Tratado da Política*, Publicações Europa-América, Mem Martins, 2000, 2ª Edição, Coleção Livros de Bolso nº 158.

EURÍPEDES, *Medeia*, Editorial Inquérito Limitada, Lisboa, 3ª Edição, Coleção Clássicos Inquérito nº 3.

HARLAND Philip A., *Familial Dimensions of Group Identity: «Brothers» (Ἀδελφοί) in Associations of the Greek East* in *Journal of Biblical Literature*, Volume 124, nº 3, 2005, p. 491 a 513.

SÓFOCLES, *Antígona*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2010, 9ª Edição.

A Categoria de Irmão

GORDON Cyrus H., *Fratriarchy in the Old Testament* in Journal of Biblical Literature, Volume 54, nº 4, dezembro de 1935, p. 223 a 231.

HORRELL David G., *From ἀδελφοί to οἶκος Θεοῦ: Social Transformation in Pauline Christianity* in Journal of Biblical Literature, Volume 120, nº 2, 2001, p. 293 a 311.

RATZINGER Joseph, atual Papa Bento XVI, *Christian Brotherhood*, Burns & Oates, Nova York, 1966.

VAUX R. de, *Instituciones del Antiguo Testamento*, Editorial Herder, Barcelona, 1992, Coleção Secção de Sagrada Escritura nº 63.

As Comunidades Paulinas

ARBIOL Carlos J. Gil, *De la Casa a la Ciudad: Criterios para Compreender la Relevância de las Asambleas Paulinas en 1Cor* in Didaskalia, 2008, XXXVIII, Fascículo 1, p. 17 a 50.

BANKS Robert, *Paul's Idea of Community: The Early House Churches in Their Cultural Setting*, The Paternoster Press, Exeter, Reino Unido, 1980.

BARBAGLIO Giuseppe, *Pablo de Tarso y los Origenes Cristianos*, Edições Sígueme, Salamanca, 1997, 3ª Edição, Coleção Biblioteca de Estudos Bíblicos nº65.

COTHENET Edouard, *São Paulo no Seu Tempo*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1983, 1ª Edição, Coleção Cadernos Bíblicos nº 13.

MEEKS Wayne A., *The First Urban Christians – The Social World of the Apostle Paul*, Yale University Press, New Haven e Londres, 1983.

SALVADOR GARCIA Miguel, *As Comunidades Paulinas e sua Influência na Configuração do Cristianismo Primitivo* in *Atualidade Bíblica*, nº 16, Difusora Bíblica, Fátima, 2008, p. 37 a 44.

São Paulo e Seus Escritos

BARTH Karl, *L'epître aux Romains*, Labor et Fides, Paris, 1972.

BECKER Jürgen, *Pablo – El Apostol de los Paganos*, Edições Sígueme, Salamanca, 1996, Coleção Biblioteca de Estudos Bíblicos nº83.

BORNKAMM Günther, *Pablo de Tarso*, Edições Sígueme, Salamanca, 1987, 3ª Edição, Coleção Biblioteca de Estudos Bíblicos nº24.

DUNN James D. G., *The Theology of Paul the Apostle*, William B. Eerdmans Publishing Company, Michigan, 1988.

MARTÍN Darío Gutiérrez, *Pablo – Perfil Psicológico de un Apóstol*, BAC – 141, Madrid, 1999.

MURPHY-O'CONNOR Jerome, *Paulo – Escritor de Cartas*, Edições Paulinas, Prior Velho, 2010.

MURPHY-O'CONNOR Jerome, *Paulo – Um Homem Inquieto, um Apóstolo Insuperável*, Edições Paulinas, Prior Velho, 2010, 2ª Edição.

SCHLIER Heinrich, *La Carta a los Galatas*, Edições Sígueme, Salamanca, 1975, Coleção Biblioteca de Estudos Bíblicos nº4.

O Relato de Si

DELORY-MOMBERGER Christine, *Les Histoires de Vie – De L'invention de Soi au Projet de Formation*, Anthropos, 2000.

RICOEUR Paul, *Tempo e Narrativa*, Papirus Editora, Tomo III.

TEIXEIRA Joaquim de Sousa, *Consciência e Autoconsciência* in *Didaskalia*, 2005, Volume XXXV, Fascículos 1 e 2, p. 569 a 596.

VOUGA François, *La Nouvelle Création et L'invention du Moi* in *Études Théologiques et Religieuses*, 2000/3, p. 335 a 347.

Dicionários e Enciclopédias

BALZ Horst e SCHNEIDER Gerhard, *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento*, Edições Sigueme, Salamanca, 1996, Volume I.

BORN A. Van Den (ed.), *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Editora Vozes, Petrópolis, 1977, 2ª Edição.

DHEILLY J., *Dictionnaire Biblique*, Desclée, Paris, 1964.

ERNST Jenni (ed.), *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*, Edições Crisandad, Madrid, 1978, Tomo I.

GRUEN W., *Pequeno Vocabulário da Bíblia*, Edições Paulinas, Lisboa, 1985, Coleção Conhecer a Bíblia nº2.

KITTEL Gerhard e FRIEDRICH Gerhard, *Grande Lessico del Nouvo Testamento*, Paideia, Brescia, 1965, Volume I.

LÉON-DUFOUR Xavier (ed.), *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Editora Vozes, Petrópolis, 1984, 3ª Edição.

WECK G. Johannes Botter e RINGGREN Helmer (ed.), *Theological Dictionary of the Old Testament*, William B. Eerdmans Publishing Company, Michigan, 1977, Edição Revista, Volume I.

Índice

Introdução	2
1-De que Falamos quando Falamos de Fraternidade.....	4
1.1-O Relato de Si	4
1.1.1-Colher-se a Si Mesmo	4
1.1.2-A Invenção de Si	8
1.1.3-Um Eu que se Constrói na História.....	11
1.2-Formas de Fraternidade no Mundo Clássico Antigo.....	12
1.2.1-A Família, «Sociedade de Semelhantes»	12
1.2.2-A União/Amizade Fraternal	14
1.3-Formas de Fraternidade no Judaísmo.....	16
1.3.1-A Família Judaica.....	17
1.3.2-As Tipologias Familiares	17
1.3.3-A Lei do Levirato e a Primogenitura.....	19
1.3.4-Variações Semânticas da Palavra «Irmão»	20
1.3.4.1-Vínculo de Sangue	21
1.3.4.2-Sentido Espiritual	22
1.3.4.3-A Pluralidade Semântica	23
2-A Morfologia da Fraternidade no Novo Testamento	26
2.1-Vínculo de Sangue	26
2.2-Vínculo Espiritual	27
2.3-Centralidade Cristológica.....	29
2.4-Cartas Proto-Paulinas	31
2.4.1-Sentido Geral.....	31

2.4.2-Três Âmbitos Principais	33
2.4.2.1-Campo das Representações Eclesiais	33
2.4.2.2-Campo Afetivo	36
2.4.2.3-Campo Parenético/Exortativo	38
2.5-«Patriarcalismo de Amor».....	39
3-O Conceito de Irmão e a sua Influência em São Paulo	41
3.1-Conceito Paulino de Irmão	41
3.1.1-Dimensão Afetiva/Emocional	42
3.1.2-Identidade, Afetividade e Comunidade	44
3.2-Um Modo Original de Construir Comunidades	45
3.2.1-A Qualidade das Relações na Comunidade	47
3.2.2-Construção Fraternal da Casa/Comunidade	48
Conclusão	51
Anexo 1 – Campo das Representações Eclesiais	53
Anexo 2 – Campo da Afetividade	55
Anexo 3 – Campo Parenético/Exortativo	57
Bibliografia.....	60
Índice	64